Capítulo 1

NASCENDO EM GRANDE ESTILO

Nasci em 1953, minha cabeça nunca fez BIIIN, como a de Marcelo Paiva, mas várias vezes eu já fiz e ouvi minha cabeça fazendo comigo um sonoro POING. As vezes ela faz POING, outras, simplesmente poing. Quando estou alerta, mas bem alerta mesmo, sou capaz de controlá-la apenas ela começa P...; daí o problema é maior: eia diz Pô!

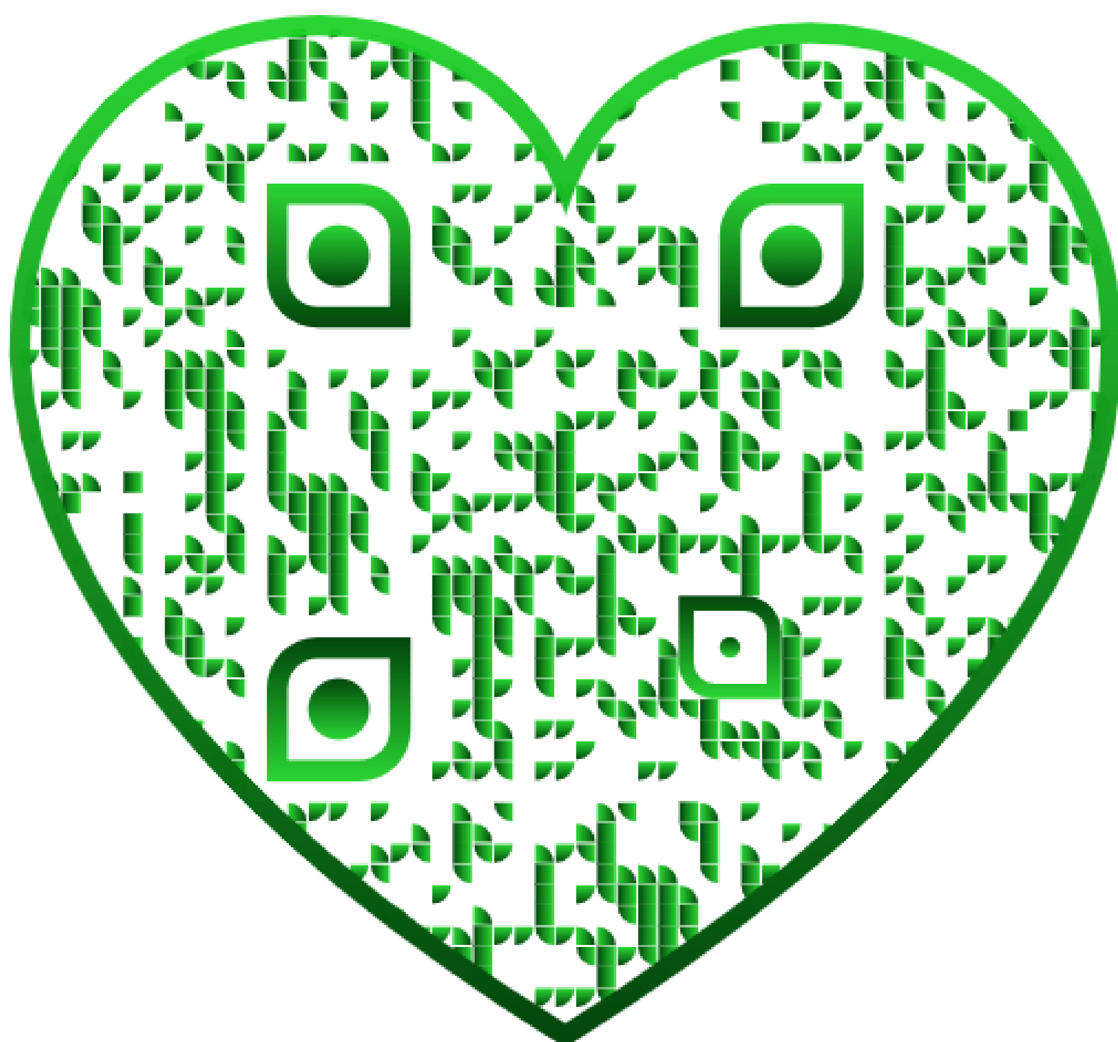
Mesmo nascido em dia, local e hora certa, não sei direito qual minha idade correta. E uma questão de ponto de referência. Há trinta e três anos inc tiraram cio útero de minha mãe por uma cesária, esticaram meu corpo curvado em caracol, me deram banho frio e uma palmada na bunda: fiz o unhééé (los bebês pela primeira vez. Hoje eu sei, não foi bem um unhééé... era apenas a primeira vez que eu diria Ué! Não sou mineiro, nasci na Pró-Matre paulista, quase esquina com a Avenida Paulista, e foi então logo cedo que eu soube que paulista da gema também diz Ué!

Paulista da gema é maneira de se dizer, e é, quinto ao meu nascimento, apenas um ponto de referência estático. Para os mais religiosos, que seguem as encíclicas da Santa Sé e dizem que a vida começa no momento da concepção, por isto trepar é um ato sagrado, eu já sou mais velho, não sou paulista, nem sequer brasileiro. Sob este prisma, tenho já quase trinta e quatro anos e nasci em lugar de igual prestígio: venho dos States. Mas americano, não sou destes de Holliday lun e McDonalds: fui concebido no aconchego dos tapetes, acolchoados, espelhos e outros non-senses do Waiclorf Astoria, um dos hotéis mais badalados do mundo. Naquela época, meu pai não escrevia para jornal, bobagem que hoje eu também cometo; ele era banqueiro: podia pagar o WaldorfAstoria sem ter de apresentar a conta para ninguém.

Em 1952 meus pais viajavam pelos Estados Unidos, representando um pequeno mas importante banco brasileiro, o Banco Nacional Interamericano. Quando ele fechou suas portas, a SU MOC, que naqueles tempos fazia vezes de Banco Central, teve de despachar dinheiro de avião diretamente para o caixa de muitos bancos, para deter a corrida que se alastrou pelos mercados financeiros de São Paulo. Prestígio de banco se mede assim: se quando fecha não afeta ninguém é que não valia nada.

Do Banco, que foi para o espaço, eu tinha apenas um ano, me lembro apenas do trenzinho elétrico supersofisticado e de um completo carro de bombeiros que meus irmãos tinham ganho de presente num Natal; brinquedos iguais eu nunca cheguei a ter e esta é apenas a menor das razões pela qual invejo os filhos de banqueiros cujos bancos nunca fecharam.

Sei de outras histórias do grupo Albuquerque de que o banco Interamericano era parte, mas estas só por ouvir falar. A que mais me encanta é a resposta que o Albuquerque, que era o fundador e cabeça do grupo, deu para o Nelson Rockfeller, quando o respeitável banqueiro (o Chase ainda não fechou...) interpelou a comitiva brasileira, considerando que o lançamento de ações de uma companhia petrolífera no Brasil era um negócio muito arriscado para organizações de investimentos respeitáveis, comentando o underwriting da Refinaria e Exploração de Petróleo União, hoje Refinaria Presidente Bernardes. Albuquerque disse, os olhos claros do banqueiro americano soltando chispas, o sangue subindo-lhe quieto à cabeça: — "Pois é, Mr. Rockfeller, teve se seu avô a mesma opinião a respeito do petróleo, não estaria o senhor hoje na posição de nos dar este seu sábio conselho." A fortuna dos Rockfeller começou no negócio do petróleo, no século passado, com a Standard Oil; Nelsinho havia se esquecido... Albuquerque não. Rockfeller, indignado, tentou dar um chá de cadeira em meu pai no dia seguinte,



deixando-o esperar para um compromisso que tinham marcado com as praxes e frescuras que configuram o bom tom; papai não permitiu, olhou seu relógio, um discreto Vacheron & Constantin que mamãe lhe dera de aniversário, disse à secretária do mister que tinha outro compromisso e voltou para o WaldorfAstoria onde encontrou minha mãe.

Daí, deixando "seu" Rockfelier de lado, ao sabor de Moet et Chandon eu nasci.

Capítulo 2

. A MORTE DE MINHA INFÂNCIA

Em 1977, eu já tinha vinte e quatro anos, minha cabeça fez o primeiro e grande POING, e eu, que nesta altura já me achava o máximo, caí de quatro. Posição ruim para quem está nos anos 24, eu reconheço, mas foi assim que foi.

Eu tinha razões para me achar o máximo e também tive razões para pirar, talvez até as mesmas que me faziam sentir-me tão bem, e para que vocês possam me acompanhar terei de voltar aos meus dezessete anos, sem a mesma classe e o mesmo efeito da Violeta Parra, eu sei, mas voltar aos dezessete é super importante.

Dos sete aos dezessete eu estudei em um colégio de classe média alta, em São Paulo, onde sempre fui bom aluno, de uma maneira geral. Geral, digo, porque no particular era muito rebelde quanto à rigidez da disciplina do colégio, vivia com a caderneta cheia de anotações, estive com matrícula condicional durante quase todo o ginásio; mas como tinha boas notas e perspicácia suficiente para apontar todas as idiotices do colégio, eles me aturavam. Quando as coisas ficaram fortes demais, como quando quiseram expulsar do colégio um de meus amigos, que havia aprontado um puta rolo, mas, pior que isto, era judeu e o diretor da escola média tinha fama de anti-semita, eu apelava para o jogo bruto: dizia que ia botar a boca no mundo, levar o assunto para os jornais e a televisão, os cambau.

Neste tempo eu já estava metido com política, era relator chefe do jornal do colégio, um tabloide mensal de 16 páginas com tiragem de 4.000 exemplares, era diretor do centro Acadêmico. Enfim, eu me havia transformado num aluno-problema, mas era perigoso: tinha o que se costuma chamar de costas quentes (mas quente mesmo) — pois ainda virava e me mexia, eu faturava uns prêmios de desempenho escolar. Eu era bom mesmo. Lembro-me com especial carinho de três medalhas grandes que ganhei, com a efígie do patrono do colégio, que eram concedidas pela Comissão de Atividades Cívicas, num concurso literário semestral.

A política em que eu havia me metido em 1971 era a possível em colégios burgueses sob o tacão cio 477. O Decreto-Lei 477, muita gente já esqueceu, era o filho do AI-5 para efeito de controle dos ambientes colegiais e universitários. A gente não podia fazer nada que não se restringisse à vidinha de nossas próprias escolas; nada que mexesse, ainda que de longe, com ideologias políticas ou reivindicações de maior abrangência social. Como o liberalismo não é uma ideologia, segundo o pensamento dos neoliberais, é claro que o que se referisse à propaganda liberal podia ser feito. Não sei o quanto de propaganda liberal eu fiz; na época era inocente demais para avaliar, hoje o assunto não me interessa para que eu fique remexendo, à busca de uma resposta.

O 477 era um decreto rigoroso, bem típico da ditadura, tendo sido baixado após os movimentos estudantis de 1968 com a finalidade específica de amordaçar os centros acadêmicos, células das organizações estudantis. A gente era tão mal informada em

1971 que só quando estávamos para sair do colégio, nos preparando para os dias de tensão cio vestibular, é que fomos saber que todas as restrições que tínhamos a nossas ações se deviam a ele. Fomos informados da existência cio 477, suas disposições e o risco que cada cidadão-estudante corria se "se metesse a besta", em um sermão que o diretor da escola média passou fazendo de classe em classe. Ele dizia, e razão talvez tivesse, que nós corríamos graves riscos ao sair da proteção paternal do colégio e entrarmos nas universidades; só então ele nos informou e permitiu que discutíssemos sobre o que acontecia no ambiente universitário daquele tempo: e nos punha um medo, dizendo de todo o poder discricionário (PiC o governo e a polícia tinham para cercear as atividades estudantis. Era o tempo de Médici e o diretor, excelente professor de matemática, gente sabia, era um capitão reformado cio exército.

O ano de 1971 foi deveras glorioso para mim. As atividades como diretor do Centro e redator cio jornal me tornavam popular na escola. Além disto eu fazia esporte e ganhei competições importantes defendendo as cores cio colégio. Fui campeão paulista colegial dos 100 metros rasos, o que me deixava quase perto de minha melhor performance em atletismo em 1968, quando fui recordista paulista dos 4 x 100 metros na categoria infantil. Mais tarde fui campeão estreante de caça submarina cm Alcatrazes.

Este monte de pequenas glórias me faziam pensar que eu era um ser superior, acima do comum dos mortais e um bocado diferente da turma porra-louca que já passava a maior parte do tempo queimando fumo, ou dos alienados de outro tipo, que existiam às pampas no colégio, que eram os boyzinhos que desfilavam em suas Porsches e Ferraris na Rua Augusta. Lembro-me bem de um colega que ganhou uma Ferrari 72 zero quilômetro, por ter passado no vestibular da Getúlio Vargas. Eu entrei na GV e na USP e só ganhei um Fusca: verdade que era um Fusca 1500, na época conhecido como Fuscão, mas não passava de um Fusca. Eu também, já contei, não era mais filho de banqueiro; meu pai escrevia para jornal.

Quando entrei na Getúlio Vargas, cm Administração de Empresas, entrei também na Filosofia pura da USP. A combinação é meio estranha, eu sei, mas não é pior do que a de um amigo que eu tenho, que costuma comer goiabada com mortadela.

Prestei o vestibular na USP por influência de meu professor de Filosofia do Clássico. Seu nome era Vieira e nós éramos muito amigos, destes que dificilmente se fabricam novamente depois que a gente passou dos dezessete. Ele tinha feito Pedagogia na USP e em 1971 estava fazendo mestrado em Filosofia da Educação. De todas as lembranças que tenho cicie, a mais forte é talvez a de uma viagem que fizemos juntos ao Rio de Janeiro para pesquisar material bibliográfico para sua tese na Biblioteca Nacional. Fomos também aos arquivos do Instituto Brasileiro de Geografia e História e depois, como o tempo nos sobrasse, convenci-o a passarmos dois dias em Cabo Frio. Ali, nas praias frias fluminenses, só aquecidas em julho pelas ondas flutuantes dos corpos das mineiras de Juiz de Fora, no intervalo das paqueras a gente continuava conversando de filosofia.

Eu tinha levado meu equipamento de mergulho e no dia de vir embora peguei duas lagostas que mandamos fazer num barzinho de praia: foi a única lagosta que Vieira experimentou na vida e este foi o último bar de praia que ele viu: em dezembro ele estava morto. Morreu de forma abrupta, porém à prestação, num coma que se estendeu por cinco dias e cinco noites. Vinha voltando de Cajuru, sua terra natal, com seu Fusca, com dois irmãos e um amigo, o Fusca cruzou a pista via Anhangüera e bateu de cara com uma C-14 que vinha na direção oposta. O amigo morreu na hora, o motor do Fusca voou 100 metros longe do carro, o irmão morreu de hemorragia interna quarenta e cinco

minutos depois, e ele, talvez por não ter ainda se despedido de mim, curtiu uma operação neurológica no hospital de Jundiaí e morreu depois de cinco dias de coma irreversível. Um dos irmãos, desconsolado e desvairado, sobrou para contar a história aos pais e outros irmãos em Cajuru, onde o pai cicie morava com a mãe, aportado em aposentadoria depois de toda uma vida como chofer de caminhão.

Eu estava para fazer o vestibular cia CV quando recebi a notícia do acidente do Vieira, O diretor do colégio telefonou para minha casa: ele não era tão ruim quanto se pensava, e, nestes momentos, todas as diferenças se esvaiam: nós dois éramos apenas amigos comuns de alguém que o destino solapara em juventude. Meus pais não me deixaram ir para Jundiaí, temendo eu perder as condições de fazer o vestibular. Meus amigos (do jornal foram todos, e, no hospital, os alunos fizeram um revezamento para ficar com o Vieira e com a família. Era uma situação calamitosa, a família enterrando um filho e cuidando de outro no hospital. A equipe do jornal ajudava no que podia nesta situação em que toda ajuda é inútil, apenas vale pelo gesto.

Eu fiz, então, os quatro dias de vestibular da GV sem dormir, esperando a morte do Vieira para qualquer momento. Em dezembro de 1971, tocava muito no rádio uma música de Ivan Lins cujo refrão dizia "Me deixa em paz, eu já não aguento mais", cada vez que eu ouvia esse refrão, era como se eu ouvisse o Vieira dizendo a mim que ele não aguentava mais aquele coma inútil, só fazendo hora para morrer.

Este foi talvez foi o meu primeiro delírio: eu ouvia a música e pensava que era o Vieira falando comigo. Nem me lembro do resto da canção, não sei o que dizia a letra, só o refrão martela até hoje em minha cabeça: "me deixa C

Terminado o quarto dia de vestibular, saindo direto do prédio austero da Fundação Getúlio Vargas, na Avenida 9 de Julho, fui para o hospital, visitar o Vieira em Jundiaí. Antes na cidade, na Anhanguera, passamos pelo posto da Polícia Rodoviária onde o carro cicie havia sido recolhido: ali acabaram minhas últimas esperanças. Daquela lataria retorcida ele não poderia ter saído com vida, eu bem senti; e o rádio do meu carro tocava: "me deixa em paz..." Nem paramos; vimos o carro enquanto íamos devagar pela estrada, em frente ao posto policial. Pouco depois passamos pela curva em que se dera o acidente e tivemos uma visão de que se houvesse guard-rail adequados ele não teria morrido... Em Jundiaí, quando o vi, seu rosto inchado e enfaixado por causa da operação, seus olhos fechados me diziam: "me deixa em paz..."

Passei a noite com ele e no dia seguinte ele morreu: era como se estivesse esperando eu ir me despedir dele para morrer, por isto ele me dizia "me deixa em paz, já não aguento mais". Houve ainda o velório em Cajui'u, depois o enterro. Toda a cidade foi ao enterro e eu me lembro de ir seguindo o caixão devagar e ouvindo a rádio da cidade informando da morte dele. Quando o enterro passou pela praça matriz e houve a missa de corpo presente eu me debulhei em lágrimas, e, no momento mesmo em que eu chorava, pensei e repensei o que estava acontecendo comigo: era simples e real o que eu pensava: "junto com o Vieira morreu a minha infância."

Capitulo 3

CONHECENDO OS PSICÓLOGOS

Fiquei com a impressão de que o Toninho já tinha conversado com a Mônica e a Gilda, em conjunto, sobre a impossibilidade de eu continuar na casa deles e sobre a necessidade de eu ir me tratar. Não sei se é uma impressão ou apenas mais uma das paranoias que vivi.

O fato é que no dia seguinte eu e a Mônica partimos de mala e cuia para a casa de meus pais. Minha família, juntamente com a Mônica, assumiu meu tratamento. A estas alturas a paranoia já havia fincado suas metástases por todos os tecidos, e de um medo inicial apenas da polícia, agora qualquer pessoa que olhasse para mim estava me espionando, ou era meu inimigo. Mesmo em casa, se meus pais ou a Mônica, ou meus irmãos, conversavam entre si, era porque estavam fazendo algum complô contra mim.

A primeira providência prática de minha família foi marcar no mesmo dia uma hora com Ana Carolina, uma psicóloga de renome nos anos 70, que meu irmão, também psicólogo, houvera indicado por ocasião do meu desconforto na cisão da sociedade com meu pai.

Fui a ela; ela me disse que me esperava há meses, e tendo ouvido o relato de minha situação e, sabendo de minha intenção de ir para a Europa, disse-me:

— Agora não dá. Você deixa a bomba estourar e de improviso não posso lhe ajudar em nada de imediato. Você não está em condições de ir para a Europa com sua mulher e ter um filho lá. Você precisa procurar um psiquiatra. Aqui está o endereço.

Saí abalado do consultório de Ana Carolina. Estava aterrorizado com a ideia de psiquiatra — eu não era louco — sem mesmo me lembrar que eu próprio houvera procurado um psiquiatra na véspera.

Soube anos depois, pela Mônica e pela Ana, que no intervalo do trajeto entre 1 higienópolis e pacaembu, Ana ligara para a casa de meus pais e conversara com a Mônica, para que não se afastassem de mim, que fizessem com que me cuidasse, pois eu estava a ponto de um suicídio. Ela se antecipou de apenas alguns anos...

No dia seguinte Mônica me levou ao psiquiatra indicado pela Ana. O caia parecia um louco, (desses psiquiatras de caricatura, com um cinzeiro enorme ao lado de sua cadeira, cheio com uns três maços de bitucas. Quando ele me disse que me ia dar um remédio que me faria bem, mas que eu não poderia comer queijos fortes nem ervilhas, achei que o sujeito estava gozando da minha cara; que tudo aquilo não passava de mais uma farsa armada contra mim e me desesperei.

Saí da sala e então encontrei, junto com a Mônica, meu pai e meu irmão que é médico. Com eles me debulhei em lágrimas. Levaram-me embora para casa.

Acabei indo parar no consultório do Dr. Sandoval, que fora professor de meu irmão e a cuja presença meu pai me levou. Contei-lhe como estava e das drogas. Lembro-me de que ele me perguntou se eu já havia experimentado LSD, cogumelos ou haxixe. E lembro-me também de seu consultório, ele sentado ao longe, numa poltrona num canto da sala, e eu em outra poltrona, no outro canto. Havia uma luminosidade de janela entrando por trás de sua cabeça, e eu, do outro lado da sala, quase não o via direito.

Sua voz era grave e baixa.

Acabou por concluir que eu talvez tivesse possibilidade de encarar a viagem à Europa, uma vez que ia trabalhar com gente e coisas de minha total familiaridade, mas que havia ainda um período de descanso necessário aqui no Brasil.

Eu dispunha de dez dias e este tempo seria usado em uma estada em Campos do Jordão, sozinho com a Mônica, a repousar e pensar na vida. Não sei de quem surgiu a idéia de Campos do Jordão — onde minha família tem um chalé — mas embarquei nela. Lembro-me de Sandoval me recomendar que eu andasse muito, principalmente em subidas e descidas. Achei curioso o detalhe e ele explicou-me a diferença entre andar nas montanhas e andar na praia como tendo efeitos psicológicos diferentes. Não me lembro da diferença.

Sei que fui a Campos e andei bastante. Era a segunda vez que eu e a Mônica, em menos de um ano, íamos a Campos do Jordão para períodos de convalescença. A primeira vez fora quando ela perdera sua primeira gravidez em setembro do ano anterior. O lugar começava a ter para mim o estigma da tristeza, e após três dias andando e conversando com a Mônica, que também estava totalmente desnorteada, porém lúcida, decidimos não viajar para a Europa. Eu entrei na cabine telefônica de Abernéssia, quando telefonei para Alberto na Bélgica, dizendo que não podia viajar. Foi um sufoco, já contei.

Ficamos mais dois dias e voltamos a São Paulo. Sobre a mesa da sala, na casa de meus pais, estavam dois passaportes e duas passagens só de ida para a Europa. Ainda me senti tentado e perguntei a Mônica: — "Vamos?" Ela disse não.

Voltei a morar em São Roque com renda suficiente para não fazer nada durante dois anos. Afoguei meus sonhos em fantasias e justificativas e fiquei fazendo terapia em São Paulo, duas vezes por semana, com Ana Carolina.

A terapia foi boa e má e isto irei relatar, de leve, nos próximos capítulos. O primeiro passo da perdição já havia dado. Caíra no labirinto, não encontrara uma saída, e em desespero — por não haver outra alternativa confiara minha recuperação definitivamente aos psicólogos e psiquiatras.

Lá se vão 14 anos que me encontro nas mãos deles: muito da minha compreensão do mundo e de minhas moléstias se aperfeiçoou, mas a mesma impotência perante a vicio me domina. Meu sofrimento hoje não é menor, a não ser pelo fato de talvez eu ter aprendido um pouco como sofrer sem tanto escândalo. Por isto as pessoas tendem a achar que estou melhor. Não estou. Apenas meus sofrimentos são diferentes e minha reação a eles é mais complacente.

Os psicólogos e psiquiatras me ensinaram a entender melhor os meandros de meu caminho, mas sem dúvida alguma não foram capazes de me curar. Eu não sou um neurótico, passível de cura.

Capítulo 4

LEMBRANDO DE MEU AMIGO

Talvez o mais legítimo seja continuar a história falando da vergonha que passei perante meu amigo catalão quando ele ler estas minhas confissões, se algum dia vier a ler. Vergonha maior eu senti, quem sabe, no momento de lhe contar que eu não ia mais à Europa, num telefonema confuso que lhe dei do posto telefônico de Abernéssia, em Campos do Jordão; mas naquele momento eu tinha ainda de esboçar uma defesa impossível. Hoje não escrevo para me defender, apenas busco chegar perto da verdade.

E é dura verdade perceber e admitir que, afora todos os problemas de saúde vou eu ter, a maior mancada que dei com um amigo e a grande e primeira decepção que causei a minha esposa, foram regadas confusões com o imposto de renda, maconha e cocaína.

No fundo, Alberto tinha toda razão quando já empossado Secretário Geral e tendo sacado do bolso do colete, com apenas três dias de prazo, um escocês para me substituir, ele me escreveu uma carta de desagravo, afirmando a total irresponsabilidade minha. Era verdade, O que mais me machucou entretanto, foi o fato dele me escrever em estilo formal, frio e em inglês. Pela primeira vez em inglês.

Respondi-lhe também pela primeira vez em inglês, um pequeno cartão, estilo 15 x 10 cm, com meu nome escrito em alto relevo:

"Meu querido Alberto,

Como sou seu amigo, prefiro que você continue considerando que eu seja um grande irresponsável, a que você tenha de passar por tudo o que passei, de forma que você seja capaz de compreender.

Um abraço e boa sorte, Luciano"

Meu amigo catalão demonstrou sua pureza de coração, seu afeto e sensibilidade, na carta seguinte. Escreveu-me de novo em espanhol, manuscrito, dizendo-me que não era capaz de entender o que se passara, mas que seguia sendo meu amigo vida afora.

Soube, anos a fio, que a cada congresso internacional da Associação em que ele participava, na condição de "International Senior Member", ele sempre procurava pela delegação brasileira, a campear notícias minhas.

Apenas lastimo que a única vez que o procurei, cerca de dez anos passados dos nossos contatos, foi em outro delírio meu. Desta vez o delírio foi de mais alto bordo, que, ao invés de fugir das sombras da polícia estadual, sentia-me perseguido pela polícia federal. E mais uma vez dei um telefonema confuso ao Alberto, pedindo sua ajuda para um asilo internacional. Ele soube como me ser amigo e embora sem dúvida não compreendendo minha confusão, ofereceu-me toda ajuda. Mas esta é outra história.

Capítulo 5

RETOMANDO O DELÍRIO

DA VAIDADE

Percebo a necessidade de voltar à noite da festa e retomar o fio da meada do que pode ter sido um grande bode de cocaína, regado a preocupações e tensões legítimas de quem

está para se lançar à aventura de ter um filho no exterior, longe do amparo familiar, de realizar um sonho de grandeza que se mantém emperrado em burocracias com a Receita Federal e discussões patrimoniais com ex-sócios, isto tudo regado com a irresponsabilidade juvenil de me haver impregnado durante anos com maconha.

Praticamente não dormi após a noite da festa. Fomos dormir eram passadas quatro e meia da manhã; não consegui conciliar o sono e por volta de seis e meia, sete horas, levantei-me, deixei um bilhete para a Mônica e saí com a Mobilette do Toninho, meu amigo-irmão, na casa de quem eu era hóspede.

Eu nunca havia andado de Mobilette mas de fato isto não representa nenhuma dificuldade para quem conhece bicicleta e moto. Após apanhar um pouquinho, saí-me em bom equilíbrio e passei perto de cinco horas rodando pela Agua Branca, Pompéia, Sumaré e Pacaembu, perdido em meus pensamentos delirantes ao ponto de me pôr em equilíbrio precário e situações de perigo por duas vezes. Após o segundo susto, dei-me conta, pela primeira vez, de que eu estava mal, muito mal.

Rumei então novamente para a Pompéia onde fui procurar o Rubens, meu amigo de adolescência que morava naquele tempo com um médico que fazia residência em psiquiatria.

Cheguei por lá cerca de onze horas da manhã e o pessoal tomava café. Tendo me explicado ao Rubens, que era estudante de psicologia, eu lhe disse que precisava de um remédio e tinha ido falar com o Téo.

Eu conhecia o Téo de passagem e me sentia desconfortável. Ele me atendeu juntamente com o Rubens, no quarto do Rubens, sentados os três no colchão posto ao chão sob um paneau indiano que pendia do teto, ficando o bojo inferior a cerca de dois metros da cama. Era alto o pé direito do quarto e havia um incenso aceso.

A consulta foi difícil porque eu estava travado, não conseguia falar e me explicar direito. Sabia apenas dizer que eu estava muito confuso, contar a história da festa balbuciando entre uma frase e outra que eu precisava ir para a Europa; que precisava resolver meus problemas com o imposto de renda; que eu precisava resolver meus problemas com meus ex-sócios. E que eu não sabia como fazer tudo isto, que não havia solução principalmente agora que a polícia estava me perseguindo.

Téo me prescreveu dois remédios, possivelmente calmantes, não sei, e o Rubens acompanhou-me até a porta e me explicou onde ficava a farmácia mais próxima, acerca de dois quarteirões.

Nunca achei esta farmácia, nem outra qualquer. Apenas subi na Mobilette e me fugiu a ideia de farmácia, de procurar ajuda e remédio. Rumei instintivamente para o pacaembu, dirigindo-me à casa de meus pais, onde morei desde o nascimento até casar com a Mônica. No portão encontrei meu pai que combinava com um tio meu a ida à tarde ao Morumbi, assistir a um jogo Brasil X Polônia. Me convidaram, e eu aceitei de pronto, sem pensar mais em minha situação. Deixei a Mobilette na casa do Toninho e voltei de carro com a Mônica para a casa de meus pais, onde comi um lanche e saí para o jogo juntamente com meu pai, meu tio e minha tia.

Compramos as entradas de um cambista e pela praxe descobrimos em seguida ter tomado gato por lebre ao nos sentarmos em nossos lugares, no alinhamento de um dos escanteios, quando o prometido era um lugar central. Eu por mim estava arrasado, chateadíssimo, pois fora eu quem comprara os ingressos.

Aquela multidão barulhenta do estádio foi me deixando mais confuso e quando os times entraram em campo senti-me totalmente perdido. Por algum destes motivos que o torcedor nem sempre compreende, o Brasil não entrou com seu tradicional uniforme canarinho e envergava outra camisa cuja cor não lembro. Este detalhe foi suficiente para que eu, embora veterano espectador de futebol, não conseguisse de maneira alguma distinguir qual time era qual.

Eu sequer era capaz de entender para que time aquela enorme massa de torcedores brasileiros estava torcendo. Perceber que eu nada entendia de uma partida de futebol foi insuportável e aumentou muito meu estado de depressão e confusão total. Pedi a minha tia que me acompanhasse — ela apenas avisou ao marido que já voltava — e saímos por umas quatro ou cinco horas, quando apenas começara a partida.

Eu não sabia lhe explicar o que estava acontecendo, eu mesmo não entendia nada, apenas sabia que eu precisava de companhia, o que ela também rapidamente percebeu. Tendo percebido, não largou mais de mim, acompanhando-me durante meu delírio.

O estádio e suas redondezas estavam repletos de policiais, e aquilo me deixava em estado de pânico. Eu queria me afastar de tanta polícia e levava Marta de roldão comigo. Caminhamos do Morumbi até a Avenida Paulista, perfazendo talvez oito ou dez quilômetros, sempre a pé, parando em alguns bares para tomarmos café. Em cada esquina, se havia um policial eu me desviava, quando possível mudando de calçada.

Por volta das oito da noite chegamos à casa dela, onde meu tio estava preocupado e bravo. Percebendo a situação levou-nos de carro até a casa de meus pais, onde todos estavam preocupados e meu pai, além de preocupado, bravo também.

Quando chegamos o pessoal estava à mesa, jantando. Jantei quase nada, ocorreu uma discussão com meu pai de que não me lembro bem e saímos, eu e a Mônica, para a casa do Toninho e da Gilda. Foi a última noite que dormimos lá.

Tomei um banho de banheira e tentei relaxar-me. Foi impossível e mais uma vez não dormi. A estas alturas, eu já estava também paranoico com os vizinhos e qualquer barulho na rua me assustava profundamente. Havia um casal de gatos namorando pelos telhados e seus ruídos de almas penadas não me deixavam em paz. Esta foi, por certo, uma das piores noites de minha vida: eu não tinha a menor ideia cio que estava se passando e sofria na carne, com fortes dores de tensão, as angústias de minha mente. Não me lembro do que conversei com a Mônica, exceto que de madrugada, por volta das duas ou três horas, contra o seu conselho fui acordar o Toninho, pois precisava conversar. Descemos para conversar num tipo de sala íntima que havia na casa. Eu não havia achado meu robe e como estava frio acabei por enfiar-me num peignoir da Mônica. Naquela época eu devia pesar cerca de setenta quilos; a Mônica sempre pesou quarenta e cinco:

Imagine-se o quanto eu estava apertado e sem movimentos naquele peignoir acolchoado... Eu já era a própria imagem de um louco. -

Toninho, agasalhado com um poncho, olhava-me a um tempo contrariado, cansado e assustado.

Conversamos um pouco, o assunto girando sempre em torno de minha paranoia. Eu colocando meus medos e ele me acalmando, aliás, tentando me acalmar, coisa de fato impossível no momento. A uma altura da conversa quando me parecia que tudo já tinha sido dito, Toninho me fala calmo, olhando no fundo de meus olhos, algo mais ou menos assim:

— Luciano, nós somos amigos. Mais do que amigos, irmãos. No entanto, há um limite mesmo entre irmãos sobre o que se pode e o que não se pode partilhar. A barra está pesada para a Gilda, para a Mônica, para você e para mim também. Agora, cada um tem de segurar a sua parte. Você não está conseguindo segurar a sua e está atrapalhando nós outros três. Você pense bem e sinta o que vai por dentro de você. Se você achar que está legal, minha casa está aberta para você. Se você sentir que não dá mais, não podemos lhe ajudar — e você precisa de ajuda: vá pro curar um médico, um psicólogo, alguém que possa lhe ajudar. Quanto a você ficar em casa conosco, pense que eu e a Gilda também temos nossas barras e pela amizade que existe entre a gente eu me sentirei à vontade pala lhe pedir que saia na hora em que não der mais para aguentar. Agora vamos dormir que amanhã é segunda—feira, dia de trampo.

Capítulo 6

O ESTIGMA DA DOENÇA

Hoje eu sei que o delírio de meus 24 anos não foi um bode de cocaína. Foi de fato o primeiro grande POING de minha cabeça devido a uma doença que tenho.

Minha moléstia é grave, orgânica e não tem cura — apenas tem se deixado domar em alguns sintomas sendo que seu âmago nunca foi atingido por nenhuma terapia, com ou sem o uso de remédios.

A sensação de vazio, de morte em vida, tem sido uma constante desde meus 24 anos e é característica da profunda depressão em que mergulho após as crises maníacas de euforia em que me enredo. Meu delírio de vaidade dos 24 anos foi apenas a primeira das crises maníacas de que fui vítima.

Seria monótono e infrutífero ficar relatando todos os delírios que vivi em todas as crises. Mal me lembro de todos eles, é a verdade. Tenho uma espécie de amnésia após as crises. Sei que todos tiveram em comum os enredos paranoicos e foram acompanhados de alucinações visuais e auditivas.

De início acreditou-se que eu tinha problemas de personalidade, de ordem psicológica. Depois houve época em que se julgou que era a droga — a maconha — que me fazia delirar. Muito tempo e muitas crises foram necessários para se descobrir que eu tenho um problema orgânico: uma psicose de fundo orgânico.

Após dez anos de terapia sem nenhum diagnóstico fechado, fui a um médico que me diagnosticou como sendo um caso de Psicose Maníaco-Depressiva. Tomando uns comprimidos de Carbolitium minhas crises estariam sob controle, foi-me dito.

Vários anos se passaram, as crises se sucedendo umas às outras, o diagnóstico continuando o mesmo e eu sem melhorar.

As crises, na verdade, sucederam-se anualmente no início. A partir de certo período passaram a ser semestrais, havendo casos em que um breve tempo de três meses se interpôs entre crises quase que permanentes.

A crise maníaca é o momento dos delírios é das alucinações.

O delírio não se estabelece de imediato. Ele não chega sem aviso. A crise é precedida por uma grande inquietação, uma sensação de urgência absoluta em todos os assuntos.

Ocorre agitação motora e insônia durante dois ou três dias. Não sei onde ficar, nenhum lugar me acomoda.

Depois, vem aos poucos de início, e em seguida velozmente, tomando conta de tudo, uma incontrolável euforia. É uma sensação de bem-estar, de poder, de plenitude, de força perante o mundo. A euforia faz com que no meio de toda a desgraça e sofrimento que é a loucura, ainda assim o mundo se apresente com inigualável grandiosidade e beleza.

Com a euforia, o pensamento dispara e fica fora de controle. E quando se perde o nexo e ideias disparatadas começam a nos ocorrer. Mantém-se concentração absoluta num assunto, ou dispersão total de pensamentos, com a mente correndo solta entre os mais variados contextos. Ocorre o que Schreber muita bem definiu como sendo a "coação a pensar". "A essência da coação a pensar consiste no fato de que o homem é forçado a pensar ininterruptamente" e em grande velocidade. (Daniel Paul Schreber, Memórias de um doente dos nervos, 1903).

Daí o pensamento cada vez afasta-se mais da realidade, criando uma nova realidade delirante em que se acredita firmemente. As vezes esta realidade delirante não nos atinge por completo, justapondo-se à realidade de fato. Então, algumas coisas são interpretadas pela parte sadia de nosso cérebro, outras pela parte que está em delírio. As vezes o delírio nos domina por completo: é quando perdemos a noção de nossos atos.

Quando se entra em delírio, encasquetando-se que uma determinada coisa irreal está acontecendo, não é possível compreender que os outros não percebam a mesma coisa. O mesmo ocorre com as alucinações visuais e auditivas: não se compreende por que o outro não vê e não escuta o mesmo que vemos e escutamos.

A depressão se sucede à crise, sendo sempre um catar de cacos de minha vida pessoal, profissional e social. Na depressão, ao contrário da agitação que experimento no delírio, fico paralisado, havendo ocasiões em que mal saio da cama para me alimentar.

Não sei como definir depressão, a não ser como uma grande onda de tristeza que se apossa de alguém. É um estado de angústia permanente em que todas as coisas da vida giram em torno de um sofrimento contínuo e ininterrupto e às vezes totalmente inexplicável, sem nenhuma razão aparente.

A depressão é, como Vinicius falou do amor, "infinita enquanto dura": quem está deprimido não enxerga luz no fim do túnel, tem a sensação de que a tristeza não acabará nunca.

Os sentimentos negativos nos dominam e nossa apreciação do mundo e das coisas adquire um caráter totalmente pessimista. A visão que temos de nós mesmos é absolutamente derrotista. Pensamos que não somos bons e portanto não somos dignos de amor e de afeição. Achamos que não temos nenhuma habilidade e não servimos para nada no mundo, somos apenas um peso morto. Temos certeza de que o estado depressivo é eterno e que nunca passará e pensamos que não temos nenhum futuro.

Uma completa exaustão física acompanha o estado depressivo e cada vez fica mais difícil se mexer para fazer qualquer coisa, instalando-se uma total apatia que às vezes pode ser confundida com preguiça por quem não entende o que está acontecendo. Ocorre também um completo relaxamento com a higiene e o cuidado pessoal, deixando-se de tomar banho, escovar os dentes, barbear-se, pentear-se ou se vestir adequadamente. Perde-se o apetite e alimenta-se muito mal.

O estado de depressão profunda pode ser muito perigoso, pois é comum que pensamentos suicidas comecem a ocorrer a partir de certo nível. O suicídio é visto como a única alternativa possível de se encontrar a paz. A vida, de fato, torna-se um peso para quem está muito deprimido.

Tanto o delírio quanto a depressão são altamente desagregadores das relações sociais. Meu próprio casamento, uma das relações mais estáveis de minha vida, não resistiu à doença, tendo-se desfeito após 14 anos.

A perda da Mônica e do convívio com meus filhos foi marcante em minha vida e representou um dos pontos mais baixos de minha existência. Tudo decorreu do cansaço em que ela se encontrava pela convivência com uma pessoa doente. Não tenho dúvida de que foi em função da própria doença que acabei por me envolver em toxicomania e alcoolismo. Por ser minha companheira, a Mônica foi obrigada a conviver com os delírios e as depressões e também com minha toxicomania e depois com meu alcoolismo. Foi demais para ela.

Houve uma ocasião em que pela doença e também pelo alcoolismo eu tive um grande delírio de ciúmes em que eu acreditava que a Mônica me traía com todo mundo. Ela não suportou as acusações descabidas que lhe fiz.

Nem a Mônica, que mais do que ninguém conhecia minha doença, foi capaz de aguentar o peso de meus delírios quando eles se voltaram contra ela.

Minha vida é hoje o resultado de forças do destino e do acaso como nunca. Eu não desejaria por nada do mundo ter construído a situação em que vivo, solitário e tristonho, mas a nwira e a tyche me pegaram de cheio. Infelizes palavras gregas!

A doença mental traz um estigma do qual é impossível se livrar, como o protagonista da tragédia grega não consegue se livrar de seu destino. As pessoas gostam de mim; as vezes têm pena, eu suponho, mas não conseguem tolerar o meu convívio quando entro em crise ou quando estou muito deprimido.

Assim, internações psiquiátricas passaram a fazer parte de minha vida. A cada internação o estigma se faz presente com toda força.

Hoje, o diagnóstico que me persegue é o de esquizofrenia. Sei que o nome é feio, forte e assustador. A mim também me as susta, mas é o que eu sou segundo a medicina.

Um esquizofrênico é um indivíduo sujeito a crises de mania, sofrendo delírios e alucinações, num extremo, e sofrendo de profundas depressões, noutro extremo. Fora das crises, é um sujeito no geral um pouco tímido, com dificuldades de levar uma vida social e profissional estáveis. É isto que eu sou.

Ser esquizofrênico não é bom para ninguém— naturalmente. Sendo-se um, no entanto, a gente tem de ir desenvolvendo uma forma de convívio social toda especial.

A primeira regra, banal, é ocultar seu estado e seu ser a cada novo relacionamento. Não há porque se abrir e antecipar a rejeição que será natural e infalível na crise.

Quando estou bem e conheço alguém, escondo meu estado. Quando passo a conhecer a pessoa melhor, se for o caso, vou contando minha situação aos pouquinhos até o momento em que me revelo.

No trabalho o estigma é insuperável. Evidentemente escondo minha doença durante os períodos de seleção e contratação — eu também preciso viver e pagar minhas contas! Até hoje nenhum processo de seleção, com variados testes psicológicos e psicotécnicos foi capaz de me denunciar. Quando começo a trabalhar, no entanto, mais dia, menos dia,

tenho minhas crises e a exposição é muito pouco controlável — inclusive porque quando tenho as crises fico inconsciente de meu estado. Então entro de novo no âmago do estigma: as pessoas podem até gostar de mim e eventualmente serem solidárias, mas não me querem por perto.

Não sou confiável.

No mínimo, pensam, sou um cara que a cada seis meses tem crises sendo obrigado a abandonar qualquer projeto.

Não posso fugir a meu estigma — é a moira, ou como dizem os orientais, o karma, Só me resta aceitá-lo até que os médicos encontrem melhor forma de controle de minhas crises.

Hoje meu médico recorre aos neurolépticos (um tipo de medicamento) para o controle de minha estabilidade. Ele aposta que não terei mais crises que exijam internações. Como apenas depois que recomecei a escrever estas memórias já fui internado três vezes, não aposto junto com ele.

Entretanto, enquanto pago para ver se a aposta de meu médico está certa, entretenho-me escrevendo este livro para que minhas memórias e minha experiência não morram comigo.

Dois outros fatores tornam especialmente pesado o estigma:

o gasto financeiro e a incerteza do diagnóstico.

Quanto ao fator financeiro é bem conhecido o fato de que os tratamentos psicológicos e psiquiátricos são caríssimos. Apenas com muita dificuldade, empenhando mais de trinta por cento do meu orçamento mensal, é que sou capaz de custear meu tratamento. As internações, nem se fale. Não fosse por ajuda familiar e agora por contar com convênio médico da empresa onde trabalho, eu nunca poderia ter custeado minhas internações. Uma internação de quarenta dias consumiria meu salário de cinco ou seis meses! Imagino a penúria que passam os doentes sem a sorte que eu tenho tido para custear meus tratamentos, pois apenas um número muito pequeno de convênios médicos dá cobertura para gastos psiquiátricos.

Outro fator de instabilidade é a incerteza-dos diagnósticos. Como disse, hoje meu médico me considera um esquizofrênico, mas ele mesmo não tem certeza do diagnóstico. Diz, às vezes, que eu poderia mesmo ser psicótico. As vezes saca de um nome intermediário às duas doenças, dizendo que eu sofro de uma "esquizopatia afetiva".

A uma determinada altura, um médico com quem anteriormente eu me consultava disse-me que minha doença é uma "psicose atípica". Ora, isto não quer dizer nada.

Acho que a classificação das doenças mentais é muito precária e ainda assim, ou talvez por causa disto mesmo, os próprios médicos não sabem direito como diagnosticar. O tratamento é muito mais baseado na sintomatologia do que na taxionomia. (Taxionomia é a ciência das classificações.)

Isto é um grande problema. Não se pode tratar corretamente, a longo prazo, sem um diagnóstico preciso.

Quando o tratamento é apenas sintomatológico, estabelece se o caos. Vejam, por exemplo: os antidepressivos podem induzir à crise maníaca e os neurolépticos, usados para controlar as crises, podem induzir à depressão.

Assim, o meu equilíbrio (quando estou em equilíbrio) é mantido muito precariamente, com a balança sempre pendendo para um lado ou para outro. A dosagem de meus remédios é alterada quase todas as semanas; às vezes mais de uma vez por semana. Ainda não encontraram um estabilizador permanente que funcione para mim. Ficam administrando os meus sintomas, sem saber direito o que eu tenho.

Há anos, eu acho, meu estado de humor é artificial, sempre mantido pelos remédios. A cada pequena distração de dosagem ocorre uma crise. Como a crise de delírio é mais perigosa, podendo levar à internação e tudo o mais, acho que os médicos acabam mantendo sempre o meu "tônus vital" um pouco abaixo do que seria o meu normal e assim acabei por tornar-me um sujeito tristonho e cabisbaixo, o que eu não era antes — pelo contrário. Eu me pergunto: se é para manter um estado de humor artificial será que não podiam me manter numa sintonia um pouco mais alegre?

Hoje tive uma conversa séria com meu médico, questionando esse assunto da precariedade do diagnóstico e do tratamento.

Ele me propôs de novo, realizar delicadas dosagens de diversas substâncias químicas em meu sangue, se necessário mandando plasma para o E.U.A. para realizar análises que ainda não se fazem no Brasil. Falou ainda da oportunidade de voltar a me submeter a uma batelada de exames sofisticados, como ressonância magnética, e ainda um outro exame mais moderno que a ressonância, que está para chegar no Brasil. Ele acredita que profundos exames neurológicos podem ajudar. Depois falou longamente sobre os progressos recentes da psiquiatria tentando me reanimar.

Eu dei risada. Li estes dias no livro de Schreber que o doutor Flechsig, seu psiquiatra, lhe fez o mesmo discurso sobre o progresso da psiquiatria no inverno de 1893. Na época, é claro, falou-lhe de coisas diferentes, como os novos soníferos que estavam sendo descobertos.

Por certo a psiquiatria evoluiu infinitamente desde o começo do século. No tempo de Schreber eu talvez também ficasse internado nove anos ininterruptos como ele ficou, e talvez também tivesse desenvolvido um sistema delirante inexpugnável, como o dele, mas, independentemente do quanto já se avançou na medicina e na psiquiatria, parece que o destino de cada doente mental até hoje, no horizonte do seu tempo, quando se trata do seu caso específico, é esperar sempre por novos progressos.

Nos limites da terapia conhecida, diante de sua persistente impotência, o discurso dos médicos não muda: o diagnóstico preciso e o tratamento realmente eficaz estão sempre a um passo de serem descobertos. Faz parte do estigma.

No entanto, tenho a declarar que além da intensa pesquisa farmacológica e tecnológica que se realiza, é preciso que se faça uma classificação mais apurada das doenças psiquiátricas. Tenho a impressão de que minha doença talvez não seja uma mistura disto com aquilo, como querem me fazer crer. Talvez o meu caso, como outros tantos na psiquiatria, não seja diagnosticado porque ainda não foi classificado pela arcaica taxionomia psiquiátrica. Então dizem: é atípico.

Um psiquiatra disse: "o cérebro é um aparelho tão complexo e tão desenvolvido em tantos aspectos que os distúrbios neste campo revelam uma infinita multiplicidade, os fenômenos anormais se ligam uns aos outros em uma variedade tão inesgotável de combinações que, consequentemente, nenhum caso isolado é absolutamente idêntico a outro."

A concepção é perfeita; no entanto, remonta a 5 de abril de 1902, tendo sido enunciada pelo doutor Weber, perito judicial no caso Schreber e demonstra que também o discurso da “mistura de tipos” é um discurso antigo da psiquiatria. Pelo menos desde o início do século os médicos estão repetindo a mesma coisa, talvez porque não consigam aperfeiçoar devidamente o seu sistema de classificação de doenças mentais, a sua taxionomia, a sua nosologia. Misturam insistentemente os poucos tipos conceituais existentes porque ainda não conseguiram aprimorar suficiente mente o quadro classificatório geral.

Assim não dá! Afinal, é um axioma banal da filosofia da ciência, embora pouco conhecido, aquele que enuncia que quando não existe o conceito não existe a percepção.

Creio por isso que a resolução de casos como o meu talvez não dependa apenas da evolução tecnológica da psiquiatria mas, possivelmente, também de sua revisão conceitual. Não sou paranoico a ponto de pensar que minha doença seja um caso único e menos ainda de achar que durante 14 anos fui tratado apenas por incompetentes. E mais razoável supor que não se chega a um diagnóstico preciso porque a tipologia psiquiátrica é arcaica e inadequada.

Mas tudo isto, afinal, é apenas parte de meu karma. O doente mental individual, como demonstra o discurso médico, está sempre aquém do progresso da psiquiatria.

Capítulo 7

A FAZENDA DA ESPERANÇA

A Fazenda da Esperança é parte da Obra Social da Paróquia Nossa Senhora da Glória, em Guaratinguetá. Constitui-se num conjunto de estabelecimentos, fazendas, sítios e pequenos núcleos manufatureiros — dedicados à recuperação de alcoólatras e toxicômanos.

A fazenda é uma comunidade religiosa, sendo conduzida com mãos firmes por Frei Hans, um franciscano de origem alemã, alto e forte.

Lembro-me das palavras do frei, em sua primeira preleção ao grupo de novos recuperandos do qual fazia parte. Em outras palavras, porém de forma igualmente direta, foi assim que ele nos explicou a filosofia da casa:

— Aqui não acreditamos em psicólogos, médicos ou remédios. Quem possui o dom da cura é Deus e o homem pode atingir a cura apenas a partir da fé e do trabalho.

E o trabalho de preferência deve ser pesado para fazer o corpo se cansar e revigorar o físico. Durante a semana em que passei no Sítio Pingo de Ouro, o trabalho consistiu em capina com a enxada. Capinávamos, morro acima, oito horas por dia uma praga de uma braquiária de 1,3 m de altura que invadira um mandiocal cujas hastes se elevavam a l,5Om. O suor escorria pelo corpo dolorido e de minhas mãos macias estouravam bolhas como pipocas na panela.

Não aguentei ficar mais de uma semana naquele lugar. Ao final de sete dias fui ao padre e pedi que me perdoasse pois eu não podia suportar as saudade de casa e a falta dos remédios tranquilizantes. Eu tinha medo de novas crises maníacas e sentia que me aproximava de uma crise pela inquietude que se apossava de mim.

Um dos poucos compromissos que eram exigidos aos participantes, na hora da internação, era a disposição de passar um ano na fazenda e de cara o frei me cobrou esta promessa:

— Você mal passou uma semana e já quer ir embora! Assim não dá! Eu não posso lhe perdoar nada, isto não me cabe. Se você quer voltar para a sargeta em que você estava, no mínimo tem de ser capaz de perdoar a si mesmo. Você não precisa do meu perdão e sim do seu próprio.

Só não chorei no momento porque fiquei estupefato. Sempre ou dizer que os padres concedem o perdão — mas o Frei Hans devolveu-me minha cruz fazendo-me ver, mais uma vez, que a responsabilidade era toda minha.

Eu não tive condições de ficar em Guará mais do que uma semana. Antes de ir lá eu estava tomando, além do Carbolitium, tranqüilizantes e antidepressivos. A retirada abrupta dos remédios me deixou em estado de superansiedade e não consegui segurar minha barra.

Depois, aconteceu que lá eu estava de segurar mais do que minha própria barra. Éramos nove recuperandos e dois coordenadores no Sítio Pingo de Ouro, Os dois coordenadores, recuperandos que já haviam cumprido um ano de programa e que lá ficaram como voluntários, eram rapazes de dezenove anos.

Um pouco pela idade (eu era o mais velho do grupo) e um pouco pelo meu jeito de ser, tornei-me de imediato uma espécie de confidente de dois outros rapazes. Os dois se recuperavam de cocaína e estavam transtornados.

Um deles estava paranoico com relação à homossexualidade, achando que iria se tornar bicha, sem escapatória. Tinha 23 anos e não suportava a ideia do que — seguindo seu delírio — lhe era inevitável. Ficava horas a fio, a cada intervalo que tínhamos para descanso, contando-me detalhes de sua amargura. Ricardo, o outro rapaz, um catarinense de 17 anos estava com Aids e com frequência repetia histórias de cocaineiro marginal que roubava motos para satisfizer seu vício.

Eu não só não tinha o que dizer mais para eles, como estava ficando completamente perturbado por suas histórias.

Os dias que passei em Guará foram muito construtivos, ainda que intensamente sofridos, e embora eu não tenha conseguido continuar no programa, a estada foi fundamental para minha recuperação.

Considero homens fortes aqueles que suportam a retirada de drogas e álcool, apoiados apenas na invisível graça da fé. Cura-se sem remédios, pelo sacrifício do trabalho e pela força das palavras dos evangelho

Rezam o terço pela manhã e dos Evangelhos tiram a palavra do dia para nela meditar e dela tirar forças para a jornada de trabalho.

Senti um lampejo dessa força interna um dia, ao capinar o mandiocal, O sol estava a pino, eu com os braços amortecidos de dor, batendo fraco a enxada na teria seca. De repente, lembrei- me da palavra do Evangelho — a que diz que o caminho da virtude é estreito e pedregoso, enquanto o da perdição é largo e confortável — e, não sei como aconteceu, encontrei novos estímulos em meus braços.

Invadiu-me uma alegria esfuziante pelo trabalho bem feito, e desta simples enxadada bem dada tirei ânimo para mais uma hora de trabalho sob o sol a pino. Ao chegar a hora

do almoço eu suava alegre e satisfeito por ter vencido minha dor e ter-me agarrado à enxada buscando a salvação.

Foram os dias de mais profunda religiosidade e misticismo de minha vida.

Experimentei também, à força de abstinência e sobriedade e do ambiente religioso, a mais crua percepção do pecado a que estava entregue na vida do alcoolismo.

Conheci a dor de coração, algo que imaginava fosse apenas uma força de expressão e não uma coisa que existisse de fato. Eu costumava acordar todos os dias por volta das quatro horas da madrugada sempre pensando na Monica e lamentando não ter sabido amar o que tinha de mais precioso, deixando minha família escapar-me pelo vão de meus dedos trêmulos e ébrios. Um dia acordei com um gemido abafado e com o peito massacrado como se por muitas toneladas, senti a dor aguda no coração que ocorre apenas — soube depois — nas situações de stress ou de sofrimento, angústia e tristeza muito profundas. Pensava no meu casamento estilhaçado e em minha culpa, vivendo a dor do meus pensamentos.

Fui dominado, então, por uma ideia delirante.

Achei que tinha de voltar a São Paulo para obter de meus filhos um juramento solene de que nunca se deixariam embriagar.

Dominado por esta ideia e apavorado com a perspectiva de entrar em crise maníaca, fui falar com o frei Ilans pala que me perdoasse e abençoasse o caminho para São Paulo. Como já relatei, não obtive do padre nem seu perdão, nem sua bênção. Hoje sei que dentro do seu coração generoso o frei terá me abençoado silenciosamente. Naquele dia, no entanto, voltei a São Paulo sozinho com meus pecados.

Capítulo 8

O HOSPITAL ESPÍRITA

Voltei a São Paulo sem que ninguém me esperasse. Apenas em Guará dei um telefonema para minha mãe, a fim de certificar-me de que havia gente em casa.

Eu só era esperado depois de um ano e cheguei, meio alucinado por minhas vivências no Sítio Pingo de Ouro, após apenas uma semana.

Tenho tido, ao longo da vida, além dos meus sofrimentos — e justamente por causa deles, o amaldiçoado dom de fazer as pessoas sofrerem comigo e chorar. Vi, em minha volta para casa, as lágrimas e a decepção de alguns dos meus parentes mais próximos e me impressionei muito com elas.

Imediatamente, por indicação médica, passei a tomar grandes doses de tranquilizantes e logo percebi que não fazia sentido algum cobrar qualquer tipo de juramento a meus filhos. Mais do que isso, eu não estava em condições sequer de me mostrar a eles e apenas após cerca de dez dias de tratamento é que pude vê-los.

De qualquer forma, eu estava sem beber e queria continuar em abstenção. Eu tinha no entanto muito pouca segurança de que fosse capaz. Assim, todas as bebidas que havia em casa foram recolhidas e trancadas e, a meu próprio pedido, só saía às ruas acompanhado por minha mãe.

Quando via bares, eu começava a salivar forte, como os cachorros condicionados de raiva e a muito custo — apenas por estar acompanhado — conseguia vencei a compulsão da bebida.

Depender continuamente da companhia de alguém para sair de casa é coisa meio impossível no ritmo de vida de São Paulo e após uns trinta dias eu já estava andando sozinho pela cidade. Aguentei em torno de dez dias e logo comecei a me embriagar de novo. Assim, todo o esforço da internação em Guaratinguetá me rendeu apenas cerca de cinquenta dias de abstinência.

A Fazenda da Esperança, no entanto, me deu o julgamento moral e o senso crítico Com relação ao meu alcoolismo e estes ganhos eu mi perdi.

Desta forma, passou-se pouco tempo até que, por intermédio do Serviço Social da empresa em que trabalho, tive notícias de um hospital espírita que mantém um programa de recuperação de alcoólatras e em breve eu estava novamente internado.

Não sei porque motivo são as comunidades religiosas as que mais frequentemente mantém programas para a recuperação de toxicômanos e alcoólatras, mas sou grato a elas por isso. No Bezerra de Menezes, em São Bernardo cio Campo, ingressei na ala de desintoxicação no segundo semestre de 1990.

Neste hospital, a ala de desintoxicação constitui-se num galpão de cerca de 15m x 8m. O chão é de cimento queimado, as telhas aparentes são de brasilite e há um pequeno pátio externo com cerca de l0m x 4m. No pálio há bancos de cimento e duas árvores pequenas. O muro do pátio tem cerca de dois metros de altura e o galpão fica permanentemente trancado.

O galpão está dividido em duas partes, uma com cerca de lOm x 8m e que é um quartão de dormir. No quartão, quando estive lá, havia dois armários e 21 camas, algumas com criados- mudos. No outro recinto, com cerca de 5m x 8m, havia uma mesinha onde se sentavam os voluntários, uma mesa grande para as refeições, bancos de madeira e uma geladeira, onde havia leite e suco de laranja. Nesta sala havia também a televisão, que ficava o dia inteiro ligada e um cubículo de enfermagem, onde havia uma janela de comunicação com o quarto de dormir.

Todos os cinzeiros são de madeira, como é comum nas clínicas psiquiátricas que têm marcenaria como oficina de terapia ocupacional. Os cinzeiros de vidro são proibidos por serem perigosos ao se quebrarem. Nos cinzeiros de madeira as pessoas escreviam seus nomes com canetas esferográficas e os nomes das empresas em que trabalhavam e que mantinham convênio com o hospital. Podiam-se ler muitos nomes de grandes empresas privadas e estatais.

Ao chegar na ala de desintoxicação toda nossa bagagem é confiscada. Cada um recebe um pijama.

Somente após 24 horas de permanência é que é permitido vestir-se com sua própria roupa e a partir daí podem-se tomar as refeições no refeitório do grande hospital. Antes disso, vestidos sempre de pijama, os pacientes recebem marmitas que são comidas na mesa da sala existente no galpão.

A permanência mínima na ala de desintoxicação é de 48 horas, período em que mais prevalecem e se manifestam os sintomas da síndrome de abstinência. Nem na Fazenda da Esperança, nem no Bezerra de Menezes eu tive síndrome de abstinência característica. Presenciei, no entanto, em ambos os lugares, episódios de convulsões e de delirium tremens.

Ambas as experiências são muito fortes e impressionantes. As pessoas menos preparadas e mais impressionáveis ficam absolutamente apavoradas ao presenciar cenas de convulsões ou delírio.

Em Guaratinguetá ninguém do meu grupo teve o delírio típico da síndrome de abstinência, aquele em que aparecem bichos aterrorizantes. Um de nossos colegas no Sítio Pingo de Ouro, o Procópio, um paulista de 33 anos, teve, no entanto, fortes convulsões por duas vezes. As convulsões eram inesperadas e chegavam sem aviso algum. De repente ele lançava um grito lancinante e caindo estatelado ao chão iniciava um estrebuchar violento. Das duas vezes ele punha muito sangue pela boca, em virtude de morder fortemente as bochechas ou a língua. Nós o atendíamos por intuição, segurando-o para que não se machucasse mais e mantendo sua boca aberta para não se asfixiar engolindo a própria língua, visto que ninguém sabia ao certo o que fazer. Aos poucos ele voltava a si, demorando a recobrar plena consciência. Quando estava bem, ele dizia que isto acontecia todas as vezes que parava de beber. Com dificuldade conseguiram localizar um médico para atendê-lo tarde da noite, no sítio em Guaratinguetá. Após tomar injeções de Valium ele se normalizou nos dias seguintes.

Em São Bernardo, onde estávamos em um hospital, com facilidade de médico, nenhum de meu grupo teve convulsões, mas Carlos Alberto delirou fortemente.

Ele chegou ao Bezerra de Menezes bem, aprumado e falando certo. No segundo dia de sua estada conosco, no entanto, começou o delírio, precedido por intensa agitação motora.

O delírio começou ele encanando com um jogo de futebol que não existia. A todos perguntava onde estava sua camisa do uniforme e vasculhava o quarto inteiro atrás da bola. Depois, deitando-se na cama, revirava-se fortemente, gritando que havia morcegos no teto e gatos no ventilador. Em seguida fechou-se no banheiro e não queria sair de lá.

Todas essas coisas se sucederam rapidamente. O voluntário de plantão já havia no entanto chamado um médico e os dois se dirigiram ao banheiro para tirá-lo de lá. Ele estava violento, gritava muito e não se deixava levar.

Então ele encanou que tinha um revólver na mão e resolveu prender o médico e o voluntário. Os dois simularam que se rendiam enquanto ele os ameaçava com a mão direita, tendo o polegar em oposição ao indicador e os outros (ledos fechados, imitando com a mão um revólver como fazem as crianças em suas brincadeiras.

Assim, caminhando atrás do médico e do voluntário, ele saiu do banheiro. No quarto ainda rendeu dois ou três dos outros colegas, sempre grita muito e apontando o dedo indicador para as pessoas, qual fosse o cano de seu revólver, Com os reféns encaminhou-se do quarto para a sala de televisão. Orientados pelo médico, todos cediam a sua pressão, obedecendo as suas ordens.

Neste momento ele tinha em mente fugir e conduzia seus reféns até a porta de saída.

Quando estava próximo à saída de repente a porta se abriu de fora e um grupo de oito pessoas entrou correndo, fechando

Foram para cima dele e o dominaram rapidamente. As oito pessoas levaram-no de novo ao quarto e o seguraram. Ele sempre tentando escapar, até que o médico lhe aplicou uma injeção. Poucos minutos após a injeção ele entrou no sono e dormiu por 36 horas seguidas. Ao acordar, estava zonzo e lembrava-se apenas vagamente de seu delírio. Tinha fome e comeu três pãezinhos com manteiga em seguida, tomou um copo de café com leite.

As oito pessoas que entraram correndo no galpão para dominar o Carlos compunham o “grupo de oito” e foram chamadas pelo interfone pela enfermeira que estava de plantão enquanto o médico e o voluntário tranquilizavam o Carlos Alberto.

O “grupo de oito” é uma técnica utilizada no Bezerra de Menezes como meio de defesa e contenção dos pacientes para que estes não sejam violentos com terceiros ou a si próprios.

“A primeira abordagem da técnica é fechar o espaço de ação, cercando o paciente imediatamente para que não haja tempo de agressão aos demais. Deve-se colocar o ombro junto ao ombro do paciente e o pé encostado ao pé dele, tirando sua movimentação lateral. Apenas uma pessoa deve conversar com o paciente.

Se a primeira abordagem não resolver, deita-se o paciente, segurando seus braços, pernas e cabeça. Na cabeça segura-se com uma das mãos sobre a testa e a outra sob a nuca. Nos ombros e nos braços deve-se segurar sempre acima ou abaixo das articulações (cotovelos e mãos). As pernas devem ser seguras afastadas uma da outra, segurando-se na liiilia da coxa com a perna, nunca sobre os joelhos e nem sobre o tornozelo.

Nunca se deve dar as costas ao paciente após soltá-lo e a técnica deve ser sempre aplicada sem violência.”

A descrição da técnica que transcrevi acima pode ser encontrada em vários cartazes espalhados pelo Bezerra de Menezes, e a técnica é ensinada a todos os pacientes Para que possam utilizá-la.

Qualquer pessoa pode chamar um “grupo de oito”. Quando chamado um grupo, as primeiras oito pessoas a acudir comporão o grupo. Os grupos normalmente são formados por enfermeiros, funcionários e pacientes; percebi que os médicos tentam evitar fazer parte deles.

Evidentemente que a recomendação de não ser violento se refere a não cometer abusos ou bater nos pacientes. É impossível nos ambientes de psiquiatria conter sempre os pacientes violentos sem usar violência. Não sei o que é pior, se a violência dos “grupos de oito” e técnicas similares, que envolvem outros pacientes ou a violência mais seca dos enfermeiros psiquiátricos, quando aplicam fortes gravatas e sozinhos, ou apenas em dois, dominam os pacientes.

Acho que o “grupo de oito” talvez facilite a vida dos enfermeiros e funcionários do hospital, mas é altamente desagradável participar da contenção de colegas de internamento. Sei disso, porque várias vezes participei de grupos para dominar e amarrar pacientes.

Eu mesmo fui amarrado várias vezes no Bezerra de Menezes, e sem internações anteriores.

Amarra-se um paciente psiquiátrico quando ele está agitado e violento e não se deseja — ou não se pode — administrar-lhe mais remédios do que já está tomando. A partir de certo nível de agitação os pacientes precisam ser contidos sob o risco de poderem machucar os outros ou a si mesmos.

Mas estou me antecipando e perdendo o fio da meada. Na U.D. (Unidade de Desintoxicação) do Bezerra de Menezes, após presenciar o delírio do Carlos Alberto, ouvi várias histórias contadas pelos voluntários e enfermeiros.

Passado um tempo, entretanto, é corno disse o Carlos (um dos voluntários):

"- Em matéria de bêbado e de psiquiatria já nada mais me surpreende; o que não vi já ouvi falar"

Os voluntários do Bezerra de Menezes são, como os coordenadores de Guará, pessoas que já passaram pela experiência da dependência e que ajudam a cuidar dos dependentes. São ex alcoólatras ou ex toxicômanos, que fazem do voluntariado uma espécie de continuação do seu tratamento. São muito úteis para os novos, pois já passaram pelo que estão passando e a cada momento podem ajudar em muito com uma palavra amiga e com a compreensão que as vezes médicos, enfermeiros ou pacientes não têm.

Após três dias na U.D. fui transferido para o Departamento de Alcoolismo da Comunidade Terapêutica Dr. Bezerra de Menezes, em São Bernardo cio Campo, e ali, apenas comecei o programa de recuperação de alcoolismo, com seminários e terapias de grupo, entrei novamente em delírio e tive mais uma vez de abandonar um tratamento específico antialcoolismo para cuidar de minha doença psiquiátrica.

Contarei esta história no capítulo seguinte.

Capítulo 9

SITUAÇÕES PERIGOSAS

Se é verdade que nenhum paciente deve ser internado desnecessariamente, da mesma forma é absolutamente necessário internar os pacientes maníacos que tenham perdido a condição de autocontrole.

Eu, pelo menos, desejo ser internado se isto voltar a acontecer comigo. Desejo que me amarrem se for necessário e até concordo com que de novo me submetam a eletrochoques, dos quais guardo infelizes recordações, desde que sob orientação de meu médico atual, em quem confio plenamente. O eletrochoque, pelo que eu saiba, é um antigo e benéfico recurso da psiquiatria. Apenas foi muito mal utilizado numa fase histórica dos manicômios. Quanto a mim, tive azar de encontrar médicos inaptos que me submeteram a eletrochoques mal aplicados. Corretamente prescritos e administrados, acho que não se deve ter preconceito contra eles.

As internações e os eletrochoques, afinal de contas, Por mais horripilantes que à primeira vista possam parecer, são eventuais contingências na vida de um doente mental. Devo submeter-me humildemente a estas contingências, se for necessário, embora hoje eu saiba lutar cotidianamente, de maneira construtiva, para tentar evitá-las.

Quero ser internado, se necessário, pois sei que poderei criar situações perigosas para mim, para minha família e para terceiros, caso não seja contido.

As coisas não são simples como alguns parecem ao dizer "Não interne e pronto. Fiquem com ele em casa." Muitos médicos, inclusive, não sabem a hora de internar, assumindo a posição radical de que toda internação é indesejável.

Ninguém consegue acompanhar um adulto em crise maníaca. Minhas energias são insuperáveis quando estou em crise e é preciso de duas a três pessoas continuamente ao meu lado, 24 horas por dia, para tentar me conter em limites de segurança para mim e para os outros. Muitas vezes não conseguem.

Na crise, não é quase necessário comer, pouco se necessita dormir (às vezes não durmo; outras vezes durmo apenas duas ou três horas por noite) e a agitação é permanente. Sou capaz de andar dezenas de quilômetros se estiver solto. Ninguém me acompanha!

E tamanha a energia que uma crise faz aflorar, em seu curto circuito de neurotransmissores e sinapses, que, ao final de poucos dias eu emagreço dez quilos ou mais. Consumo todas minhas reservas caloríferas em atividade. Não paro o dia inteiro.

E não é que eu fique perigoso porque fique abertamente agressivo. Não costumo ficar, mas também não duvido que possa vir a ficar... Insinuo alguma agressividade quando, exatamente, queiram tolher meus movimentos.

Mas é fundamental tolher os movimentos. Alguém, inclusive eu mesmo, pode acabar machucado, a depender das situações criadas, A primeira coisa que se faz, numa clínica, quando chega um paciente fora de controle é amarrá-lo na cama. Já contei como se amarra. A amarração é fundamental, acreditem-me. A única alternativa para a amarração é muito pior e que eu saiba não é utilizada em nenhuma clínica séria: seria manter o paciente dopado a tal ponto que passasse o tempo todo a dormir, ou a ficar babando, caído pelos corredores, como cruelmente se faz nos manicômios judiciários. Não. Isto não se pode fazer por razões médicas inclusive: não se saberia quando o paciente começa a apresentar sinais de melhora.

Assim, adota-se uma conduta intermediária: dopa-se o paciente até certo nível, mantendo-o amarrado.

Os parentes não conhecem e evidentemente não são informados sobre estas condutas, porque daí é que muitos não internariam mesmo os seus doentes. Ficam com pena. Bobagem. A melhor segurança de um maníaco descontrolado é ser amarrado a uma cama.

Um amigo meu, psicótico-maníaco-depressivo, esteve internado uma vez, em uma clínica que se dizia moderna e adotava condutas naturalistas. Os caras tiveram a ousadia de mantê-lo não sei com que homeopatia, sem dopá-lo e sem amarrá-lo. O resultado foi dramático e poderia ter sido trágico: ele, atravessou uma vidraça no segundo andar do prédio, caindo no térreo.

Assim ele cismou que ia sair, ia porque o pessoal, moderninho, achou que poderia segurá-lo no papo. Ora! As vezes a gente nem escuta o que se diz, ou pode inclusive escutar uma coisa entendendo outra, devido às alucinações e aos delírios. Ninguém sabe com certeza o que se passa por dentro de uma pessoa em delírio. Os pensamentos fogem ao controle e são completamente amalucados. Um sujeito pode se convencer de que é capaz de voar e ter absoluta certeza disto. Aliás, é por isto mesmo que nos chamam de loucos.

Então, meu amigo tomou embalo e atravessou no peito a vidraça no fim do corredor, com vidro de 6 milímetros de espessura... Ele ficou totalmente cortado, dos pés à cabeça, além de ter fraturado os dois braços. Poderia ter morrido, é claro.

Brincadeira de principiante no trato com a loucura. Inadimissivel dentro de uma clínica. Não tem jeito, chegou a hora de a onça beber água, é para se dar o amansa-leão e amarrar. E o melhor. (“Amansa-leão” é a gíria pela qual se designa o Haldol e outros neurolépticos fortes ou injeções de tranquilizantes.

Mas... e fora de uma clínica, como é que se faz? Não se faz! Chega uma hora em que nada mais se pode fazer, até mesmo amarrar. Se é pala amarrar, é melhor uma clínica. Eu não gostaria de submeter minha família ao sofrimento de conviver comigo tendo de

me amarrar. Não poderiam me soltar não importando quanto eu grite, o quanto eu suplique. E como é que eles iriam me limpar quando eu me sujasse todo na cama, sem poderem me soltar? Isto é coisa para gente especializada. Além de tudo, e principalmente é preciso nestes momentos o distanciamento profissional. A emoção e o amor familiar, nestas horas, atrapalham.

Antes de se internar, em casa, toda conduta deve ser dirigida para se tentar evitar a internação, tentar impedir que o surto se manifeste em sua plenitude.

Depende-se fundamentalmente da rapidez com que o paciente, os familiares ou o médico, identifiquem os primeiros sinais da crise.

Daí, entra-se numa corrida entre a rapidez da evolução do surto psicótico e a velocidade de reação do organismo ao efeito dos psicotrópicos.

Os neurolépticos (os remédios especialmente usados para controle dos surtos psicóticos) têm este defeito: são lentos e não podem ser administrados de início em grandes dosagens.

A dosagem dos primeiros dias tem de ser necessariamente mais baixa. Com o passar do tempo é que se pode ir aumentando a dose, O remédio tem um efeito retardado e cumulativo. Assim, resta saber se ele consegue vencer a velocidade do surto. As vezes consegue, às vezes não, a depender, exatamente, da rapidez com que se acudiu com a medicação e da rapidez de resposta de cada organismo individual, além, é claro, da intensidade do surto. Há surtos leves e surtos incontroláveis.

Quando o remédio não alcança a velocidade do surto, quando a loucura se estabelece, não tem mais jeito de ficar em casa, se o paciente ficar muito agitado. E necessária a internação. Não dá para segurar a barra.

Minha família já tentou, várias vezes e de várias formas, evitar a internação, quando os médicos que me tratavam eram radicalmente contrários a quaisquer internações. Mas não é uma conduta razoável. A partir de certo ponto é mais seguro internar. Os riscos são muito grandes.

Estou bem e não causei mal a ninguém por obra de Deus e dos anjos da guarda que Ele designou para me proteger... No entanto, como dei trabalho para meus anjos da guarda nas vezes em que tardaram a me internar!

Da última vez que surtei, depois de medicado, meus pais resolveram me levar para o sítio. Eles queriam evitar minha internação a todo o custo, pois, fazia alguns meses, eu estivera num hospital psiquiátrico e ficara muito traumatizados, porque lá passei muito medo. Depois disso, declarei a eles que não desejava mais ser internado. Eles tentaram respeitar o meu desejo.

Na verdade, é um desejo impossível, quando o surto atinge um certo ponto. Hoje, mais amadurecido, após novas experiências, sei que quero sim ser internado quando for preciso. Apenas já sabemos onde se pode e onde não se pode internar. Hoje já temos este knowhow, adquirido por muitos anos de sofrimento meu e de minha família.

Então, como eu dizia, desta última vez, quando já estava medicado, eles me levaram para o sítio. Acharam que eu teria mais liberdade de movimentos do que em São Paulo; que seria mais agradável para mim e mais fácil eles tomarem conta de mim.

Qual o quê! Para mim foi agradável (o pouco que me lembro) mas para eles, que sufoco!

E quantos perigos eu passei, saindo fora do controle deles, de madrugada. Um dia, desandei a andar pelo pasto enquanto eles tentavam descansar de mim um pouco.

Lembro-me vagamente dos episódios, pois desta vez, como de outras, tive quase total amnésia do que fiz durante a parte mais forte da crise.

Eu saí pelo pasto, ao alvorecer, de tênis, bermuda e camiseta. Na cinta levei minha faca de mergulhador. Ao fim de muitos quilômetros, depois de andar pela vizinhança toda, acabei indo parar na casa dos piraquaras. (Piraquara é o mesmo que "caiçara do rio".) É uma família antiga, nossos vizinhos há trinta anos, que moram na beira do rio Paraíba, no fundo do sítio, e que eu não via desde minha infância.

Não me cheguei à casa deles, no entanto, batendo palma e pedindo licença, apresentando-me e matando saudades. Isto não. Eu não fiz como qualquer pessoa normal faria; como eu mesmo faria se não estivesse em surto.

Cheguei vindo do mato, onde não sei como não fui picado por cobra, porque o mato ali é fechado, e em virtude dos restos de uma grande pedreira, é cheio de jararaca, urutu, cascavel... Vim do mato, cortando cipó com uma faca para poder passar e cheguei na parte baixa do terreno deles, onde aflora uma pedra grande e lisa, que eles usam como terreiro para secar suas pequenas colheitas.

Assim que cheguei, dois cachorros grandes, mas muito grandes mesmo, talvez mestiços de dinarmaquês avançaram sobre mim. Eu pulei na pedra lisa, no terreiro deles, e me deitei no chão, rolando e ameaçando ligeiro os cachorros, com minha faca de mergulhador.

Eu devia estar tão ameaçador com minha faca, que os piraquaras no terreiro, logo, aos berros, chamaram os cachorros de volta, e eles ficaram de longe, rosnando para mim.

Então, rastejando pelo chão, eu ameaçava os cachorros, incitando-os para a briga. Eles latiam e rosnavam e os piraquaras gritavam com eles e comigo.

Não sei quanto tempo isto durou. Da mesma forma que me lembro de relance deste episódio, em seguida tudo é um branco em minha memória e não sei mais o que fiz.

Sei, pelo relato deles à polícia, que em seguida fui embora, entrando de novo no mato, da forma como tinha chegado.

Veja-se que perigo, e que sorte a minha. Se os cachorros de fato me atacassem, decerto me estraçalhariam. E depois, os piraquaras poderiam não ter me reconhecido após tantos anos. Ou mesmo me reconhecendo, pela situação e pelo susto que lhes causei, e pela ameaça que eu fazia no terreiro da casa deles, poderiam ter atuado em mim. Acho que não atiraram por que não tinham arma...

Sei que depois a polícia veio atrás de mim, no sítio, e meu pai falou com eles. Eu já estava de volta em casa, calmo, como se nada tivesse acontecido, não me lembrando de nada, já esquecido de tudo.

Quando voltei para o mato, saindo da casa dos piraquaras, acabei achando a trilha deles na beira do rio e por ela fui até o sítio do outro vizinho. Ali, tinha sido feita uma grande movimentação de terra, uma obra grande. Havia um corte no morro para abrir uma estrada, e do lado de baixo ficara um aterro alto, com uma saia caindo até a beira do rio, numa altura de oito ou dez metros.

A terra da saia do aterro estava solta e fofa e eu, inventando uma brincadeira muito perigosa, fiquei um tempo a me divertir, escorregando do alto do aterro até a beira do rio. Quando eu chegava na água, já estava atolado na terra até as coxas. Não duvido que

em situação idêntica, com menos sorte, alguém poderia se atolar por inteiro no barro e afogar-se no rio. Conheço histórias parecidas e só sob o efeito de minha loucura eu me arriscaria tanto, como de fato me arrisquei.

Depois de brincar no aterro, entrei em um sapesal, no meio de um capim fechado, uma altura de dois metros, e pouco tempo depois eu estava preso no meio do capim, sem conseguir ir para a frente nem para trás.

Fazendo muita força e avançando muito devagar, acabei por conseguir chegar até a cerca de divisa do meu sítio de novo, mas então eu estava cercado por um espinheiro de caraguatá – lugar ótimo para ter cobra. Não sei como fui parar lá. A cerca da divisa era de seis ou oito fios e eu não conseguia passar.

Quando estava perdendo a esperança, seu Dionísio chegou, o caseiro do sítio. Sucedeu que meu pai, embora tendo me visto sair, não conseguiu me impedir, nem me acompanhar, com seus setenta anos. Então saiu à procura do caseiro, mandando ele me procurar. Ele já tinha rodado o sítio todo e foi me encontrar naquele fim de mundo, onde o diabo perdeu as botas.

Daí ele me ajudou, e me orientou, e acabou conseguindo me desenroscar de lá. Eram sete e meia da manhã. O dia de um doente mental em surto maníaco havia apenas começado...

Por essas e outras é que desejo ser internado, se de novo perder o juízo e as estribeiras.

Os riscos não são só na roça, no mato, com animais, espinheiros e barrancos de rio, ou nos costões de mar, como contarei em outro capítulo, de uma vez que saí com as crianças de barco procurando submarinos, como Heningway em Cuba.

Os riscos podem ser dentro de casa. Neste delírio, em seguida, meus pais me levaram para São José dos Campos, na casa de meu irmão médico, porque já estavam sem saber o que fazer. Na casa de meu irmão, ainda tentaram me manter em dia.

Entre outras loucuras, como quando queria tirar a roupa no meio da sala, na frente de todo mundo. Atitude inconveniente, porém sem risco, eu cismei de fazer ginástica dentro de casa. Fazia todos os tipos de flexões e abdominais, até polichinelos. O mais grave, entre tanto, é que cismei de dar cambalhotas, e de repente, sem aviso, estivesse onde estivesse, eu me lançava velozmente ao chão e dava grandes pulos. Subia pela mesa e começava a querer pular de lá de cima. O diabo! Uma energia sem fim e descontrolada.

Meus pais e meu irmão, vendo o estado das coisas, chegaram à conclusão de que o único lugar seguro para mim seria mesmo internado, numa clínica.

Meu outro irmão, psicólogo em São Paulo, constatou, também, que naquela altura eu não estava mais presente. Eu não interagia mais com as pessoas de forma minimamente emotiva ou pessoal. Era como se eu estivesse com outras pessoas quaisquer. Eu ainda reconhecia e obedecia, embora muito a custo, as pessoas de minha família, mas inclusive este elo poderia se romper a qualquer momento.

Assim, em conjunto, todos eles concordaram que eu devia ser internado, pois também para mim não faria mais diferença a presença da família. Eu já não estava mais presente.

O doente mental, esta figura que transita misteriosamente entre a sanidade e a loucura, já havia se dissipado. Com eles, estava, agora, apenas um louco, a exigir cuidados especializados.

Eu precisava ser amarrado na cama, e depois de internado. Foram quatro dias até começar o retorno de mais esta longa viagem.

Quando fui desamarrado, nessa clínica, o IPC, em Diadema, travei amizade com uma enfermeira meiga e gentil. Ela era também bonita e muito carinhosa. Eu disse para ela um dia:

— Eunice, eu gosto de você. Você é unia pessoa legal.

Ela me respondeu, divertida, fazendo de conta que estava zangada comigo:

— Você diz isso agora, que você já está bom. Quando você estava amarrado você me chamava de vaca. Você dizia: "sua puta, sua rameira! Me desamarre daqui, sua galinha."

Muito melhor ser amarrado, no entanto, do que ficar correndo o risco de quebrar a cabeça ou fraturar a espinha em uma quina de mesa, dentro de casa, com a família, dando cambalhotas malucas no meio da sala. Ou, Deus me livre, machucar, além de mim, outras pessoas, uma criança distraída, por exemplo.

Assim, conto vocês que não sou daqueles que consideram as clínicas inúteis ou desnecessárias Muito pelo contrário.

O que de fato é uma merda é que está cheio de clínicas ruins, sem gabarito, tocadas por médicos irresponsáveis, que internando os doentes e os dopando continuamente, sem estar alerta para a medicação. Isto é triste, é muito triste.

E os grandes hospitais psiquiátricos, que pouco conheço? Apenas pelo que se vê na televisão, a gente sabe que é um caso de polícia, que devia meter na cadeia muitos dos envolvidos nesta displicência, incompetência e crueldade com a vida humana.

Os loucos lá de dentro são tão gente quanto a gente, meu Deus!

Uma área de cerca de oitenta metros quadrados, com apenas um enfermeiro para cuidar de todos.

Os quartos tinham, cada um de seis a oito pacientes, e a gente mal tinha espaço para andar entre as camas.

Neste lugar, para se ter ideia, os enfermeiros se trancavam de noite, num cubículo protegido por grades (iguais às de prisão) para se sentirem seguros. Nesse lugar passei um medo terrível.

Pois é! Também para um doente mental é uma situação perigosa ser internado no meio de buços, num hospital psiquiátrico!

Mas não quero falar sobre isto agora. Dediquei este capítulo para dizer que as instituições psiquiátricas são necessárias. Não serei mais um a denegri-las neste momento.

Evidentemente, tanto quanto as clínicas particulares ou conveniadas, também os hospitais psiquiátricos são necessários. O que se devia fazer é, como sempre neste país, processar criminalmente os responsáveis pelas calamidades públicas que ocorrem em muitos destes lugares e proporcionar um tratamento adequado para os que precisam.

Mas que os hospitais assustam, assustam. E um tremendo risco cair nas malhas de um hospital. De repente se fica lá para sempre, já pensou? Ainda bem que tenho uma família e uma mãe que brigou por mim para me tirar de um deles que não queria me dar alta...

Aliás, diga-se de passagem, quantas vezes será que é preciso agradecer-se a Deus pelo fato de Ele ter inventado as mães?

A única vez em que fui internado, forçadamente pelas circunstâncias, foi em um dos bons hospitais psiquiátricos de São Paulo,

Lembro-me que havia trinta pacientes internados em uma mesma ala.

Capítulo 11
UMA PAIXÃO PSIQUIÁTRICA

Muitas de minhas crises aconteceram na praia. Eu passava todos os anos as férias de verão em Barra do Una, com minha família e a família de meu irmão. Quase todos os anos em janeiro eu tinha crises.

Não me lembro quantas vezes isto aconteceu, mas foram várias. Também não me lembro dos detalhes de todas essas crises. Na maioria das vezes não fui internado, pois meu irmão, que é neurologista, medicava-me a tempo. Foram todos episódios de delírios paranoicos em que eu me sentia perseguido por todos e estranhava todas as coisas e pessoas, exceto as pessoas de minha família.

Houve uma crise na praia, no entanto, de que não posso me esquecer. Eu saí de barco pelo mar com um de meus filhos e um sobrinho. Na verdade eu já estava agitado há uns dois dias e não deveria ter saído sozinho, tendo havido uma distração do pessoal que me acompanhava.

No meio do mar, indo em direção à ilha do Maracujá, comecei a delirar. Achei que eu estava com os meninos numa missão de reconhecimento de submarinos inimigos, como Hemingway com seus filhos em Cuba. Eu dirigia o barco em zig-zag, desviando-me de projéteis do inimigo. Saí cerca de oito quilômetros longe de casa e acabei por aportar numa praia minúscula do costão da Boracéia. Então não me lembro de mais nada e tudo o que sei foi-me contado depois pelas crianças, por minha família e por meus amigos caiçaras.

Tendo aportado no pequeno espaço de areia que havia no costão, abandonei as crianças no barco e comecei a subir pelas pedras escalando o costão. Eu estava inconsciente e as crianças passavam perigo no barco, com as ondas batendo por trás, jogando o barco contra as pedras.

Nossa sorte, minha e das crianças, foi que no costão havia dois pescadores que vieram em nosso socorro.

Atenderam aos gritos das crianças, socorreram-nas e ao barco e em seguida me tiraram das pedras. Dizem que ainda resisti ao seu socorro e então eles me dominaram e me puseram deitado no barco. Seguindo a orientação das crianças, conduziram-nos até a minha casa, nas margens do rio Una.

Desta vez eu tive um completo apagão. Fiquei totalmente inconsciente e praticamente não me dei conta de nada que se passou desde o momento em que comecei a escalar as pedras até acordar, uma semana depois, internado em uma clínica em São Paulo.

O estado de inconsciência não foi um sono ou um coma. No entanto, me lembro de alguns momentos de estar acordado e sou capaz de reconstituir algumas partes da viagem de volta a São Paulo. Recordo-me, por exemplo, de discutir com a Mônica no carro, porque eu não queria que ela voltasse dirigindo. Eu insistia em que a Lourdes, uma amiga que estava conosco, dirigisse o carro, para que eu e a Mônica voltássemos

deitados juntos no banco de trás. Eu queria ir folgadamente trepando com a Mônica. Foi preciso ela parar o carro e chamar um irmão que vi em outro carro com sua família e meus filhos. Com a autoridade dele, acomodei-me sozinho no banco de trás e deixei a Mônica dirigir sossegada.

Quando me lembro destas passagens todas, fico sempre admirado com a imensidão da paciência e dos cuidados que tiveram comigo e sempre serei grato a todos os que me ajudaram e me socorreram tantas vezes. Só nestes momentos de recordação sou capaz de imaginar o sufoco que foi para a Mônica aguentar crises contínuas durante os 14 anos de nosso casamento.

Quando me casei, nem ela nem ninguém tinha consciência de minha doença. Eu ainda não havia tido crises de delírio nem grandes depressões. Por isso a Mônica foi pega de total surpresa quando no primeiro ano de casado comecei a adoecer. Durante muitos anos a Mônica assumiu como objetivo de sua vida cuidar de mim e conseguir a minha cura. A vida não quis que isto acontecesse e acabamos por nos separando, como já relatei. Mas nunca me cansarei de agradecer a Deus os anos de dedicação com que esta mulher teve comigo. Se eu tivesse tido consciência de minha doença antes do meu casamento, é certo não teria casado e nem tido filhos.

Esta enorme gratidão a que me refiro, a vida nem sempre quis que eu a demonstrasse enquanto as coisas estavam acontecendo. Pelo contrário, houve situações em que me portei de maneira totalmente errática, tornando tudo para a Mônica ainda mais difícil e doloroso.

Foi o que aconteceu em sequência à história que eu vinha contando.

Quando acordei, em São Paulo, eu estava fortemente amarrado a uma cama na Clínica Psiquiátrica Alphaville, em Barueri. Estava na ala de isolamento; era a primeira vez que eu era amarrado, sentindo-me totalmente perdido e maltratado. Para me tirar do torpor em que me encontrava, aplicaram-me eletrochoques e novamente sofri um acidente de aplicação.

Não sei explicar o que aconteceu, mas, pelo que me disseram depois, o aparelho estava com algum defeito e a potência do choque foi mal regulada. O choque, então, ao invés de ser absorvido pelas minhas têmporas, começou pelo couro cabeludo até o cocuruto de minha cabeça, pelos dois lados.

Vivi esta experiência como uma cena de tortura. Lembro-me que eu estava deitado e com o choque curvei meu tórax para a frente como se estivesse fazendo um exercício abdominal em grande rapidez, urrando de dor.

Embora aplicado defeituosamente, ou talvez exatamente por causa disso, recobrei a consciência de imediato e não fui mais amarrado. Em seguida fui solto da área de isolamento, para conviver com os outros pacientes da clínica.

No dia seguinte a este acidente, pela manhã, a Mônica foi me visitar na clínica, como fazia todos os dias. Desta vez ela pôde me ver, eu a reconheci imediatamente e conversamos. (Nas clínicas psiquiátricas, quando os pacientes estão em isolamento não podem ser vistos pelas famílias. O doente em crise nem sempre reconhecem seus familiares.)

Eu estava desesperado para ser tirado da clínica, supliquei- lhe que me desinternasse, mas ela, chorando comigo, me explicava que não podia, que eu não podia sair de lá ainda.

Ficando na clínica, em seguida apaixonei-me pela Sílvia, uma mulher que estava internada em Alphaville em virtude de alcoolismo.

Apenas posso compreender o que se passou como tendo sido fruto de um mecanismo inconsciente e uma punição à Mônica pelo fato de ela não me ter tirado da internação. Sei que deixei meus sentimentos pela Mônica totalmente de lado e resolvi, no meio de minha loucura, que ia me casar com a Silvia. A Sílvia estava naquela clínica tão perdida e fragilizada quanto eu e então viveu comigo intensamente esta fantasia do casamento. Começamos de imediato a namorar a sério e a fazer planos concretos para o casamento.

Imagine-se qual não tenha sido a surpresa e amargura da Mônica, quando em sua próxima visita lhe pedi o divórcio, dizendo que estava apaixonado por uma mulher e que iria me casar com ela.

A Mônica, completamente ferida em seu amor-próprio, deixou de visitar e então era para meus amigos e parentes que me visitavam que eu anunciava a grande nova de que ia me casar, apresentando a Sílvia a eles.

Vivemos, eu e a Sílvia, então, esta loucura a dois. Uma fantasia de uma noite de verão, numa clínica. A posição dos médicos foi confusa e incompreensível. Tanto o meu médico como o da Sílvia eram sócios da clínica, mas foram incapazes de se entender. O meu médico dizia aprovar o namoro e se portava como se tosse nosso cúmplice. O médico da Sílvia, que era uma mulher separada e sozinha, punha-se em antagonismo ao casal e dava instruções pala que os funcionários nos vigiassem e não nos deixassem namorar.

Sei dizer que a conduta da clínica, como um todo, foi a pior possível e permitiu que a fantasia crescesse e se alongasse por mais dos 15 ou 20 dias em que eu e a Silvia ficamos internados juntos.

Hoje me parece claro que a conduta correto seria de nos separar, providenciando-se uma mudança de hospital para um de nós. Mas nem isto, nem nada foi feito. Deixaram as coisas acontecerem e eu e a Sílvia ficamos juntos enquanto duraram nossas internações. A Mônica não recebeu nenhum tipo de apoio ou assistência dos médicos, pelo contrário foi hostilizada pelo meu médico.

No momento em que recebi alta, eu já tinha percebido que meu envolvimento com a Sílvia não passava de uma loucura, mas as coisas tinham sido conduzidas de tal forma pelos médicos, que eu estava separado da Mônica, não podia voltar para casa e a Sílvia estava emocionalmente envolvida. Lembro-me de que quando tive alta meu irmão foi me buscar na clínica e me levou para a casa de meus pais, onde eu sempre acabava aportando de um jeito ou de outro, quando não tinha mais para onde ir.

Acho que se passaram alguns meses até que meu relaciona mento com a Mônica se normalizasse e eu pudesse voltar para casa.

Enquanto estive na casa de meus pais Silvia me telefonava sempre e me era muito difícil escapar da situação que tínhamos inconscientemente armado.

Uma vez, ela me telefonou tarde da noite e percebi pela sua voz pastosa que ela não estava bem. Eu não sabia onde ela morava e então insisti muito com ela para que me desse seu endereço. Eu sabia que ela tinha bebido e também estava quase certo de que tomara remédios numa tentativa de suicídio.

Consegui, a muito custo, que ela me desse o endereço e saí desabalado para socorrê-la. Ela morava num apartamento em Cerqueira César, com as filhas e uma empregada. Estavam todos dormindo quando cheguei. Ela já tinha desfalecido.

Nem a empregada e nem suas filhas tinham percebido o que ela fizera, e custou-me acordar a empregada tocando a campainha.

Quando entrei seu quarto ela estava deitada atravessada na cama, com o nariz quebrado por um tombo que levara. A cama estava cheia de sangue que lhe escorria pelo nariz e na cabeceira havia dois vidros de um remédio abertos e vazio.

Graças a Deus ela tomara remédios fracos e consegui acordá-la. Estava completamente embriagada e zonza. Fiz uma compressa Com gelo e consegui estancar o sangue do nariz. Com ajuda da empregada consegui levá-la até o banheiro e fazê-la vomitar. Em seguida telefonei para um médico e disse o que acontecera, dando o nome dos remédios que ela ingerira. O médico me tranquilizou dizendo que o efeito seria só o de fazê-la dormir por várias horas e então eu desci à portaria do prédio e dispensei o táxi que deixara me esperando. Era mais de meia-noite.

Voltei ao apartamento e fiquei com ela durante toda a noite, vigiando seu sono após haver limpado o quarto, trocado suas roupas e tê-la deitado confortavelmente, com ajuda da empregada.

Ao amanhecer, antes que suas filhas acordassem, chamei a empregada, deixei-a em meu lugar e voltei para casa.

Alguns dias depois, a seu convite, fui jantar com ela e as filhas em seu apartamento.

Ela estava muito grata pela ajuda que eu lhe dera e ainda estava apaixonada por mim. Depois que suas filhas foram dormir ela se aproximou de mim no sofá e quis me beijar.

Eu a afastei rudemente, dizendo—lhe: — “Sai de mim, satanás.” Levantei-me e fui embora.

Não me pergunte o leitor por que eu fui embora, e menos ainda por que disse as palavras que disse. Não sei. Nem eu nem a Sílvia nunca compreendemos as loucuras daquela paixão psiquiátrica que vivemos. Os atos dos loucos nem sempre têm explicação.

Muitos anos depois, quando já tinha me separado da Mônica, eu e Silvia vivemos um esfuziante romance num namoro que começamos. O namoro não durou mais do que duas semanas, no entanto.

Ainda hoje, às vezes nos falamos por telefone e embora seja muito raro nos encontrarmos, acho que não está errado eu dizer que a Sílvia é uma de minhas melhores amigas e nossa amizade é uma das poucas coisas boas que sobrou de minhas internações.

Capítulo 12

O SUICÍDIO

Tenho falado muito de minhas crises de delírio e muito pouco de minhas crises de depressão.

Sofro, no entanto, grandes e frequentes crises de depressão. Desde que comecei a adoecer, foram poucos os meus momentos de equilíbrio. Normalmente, quando eu não estou delirando, estou imerso em grandes crises depressivas.

Minhas depressões são nitidamente fruto de um estado orgânico, tanto que cedem se uma vez corretamente medicadas. Elas não são no entanto totalmente inexplicáveis, tomando-se o meu contexto de vida.

E fácil se imaginar que desde que adoeci não tenho sido senhor de todos os meus atos e de minha vida. Já me referi neste relato que, se eu tivesse tido condições de escolher nunca teria desejado a sorte que o destino me reservou. Como fruto de meus delírios e de minhas depressões, vivo hoje uma vida completa mente diferente da que sempre desejei. Sou uma pessoa solitária e normalmente entristecida.

Origina-se daí, na verdade, o resultado de todas as minhas depressões: eu não sou o homem que eu gostaria de ser.

Colocando-se desta forma, no entanto, meu problema pare ser banal e infantil: ninguém se identifica completamente com o que é e todos gostariam de ser, ao menos um pouquinho, diferentes do que são.

A questão então não é tão banal, pela intensidade com que o problema da identidade se coloca em minha vida.

Durante minha infância e adolescência cultivei, como a maioria dos filhos de classe média, sonhos de grandeza e de fortuna. O clima de intensa liberdade em que fui criado, podendo fazer tudo o que quisesse, também contribuiu para que eu julgasse que minha vida seria aquela de meus sonhos.

No início de minha vida profissional os ventos me foram muito favoráveis e eu estava muna situação muito confortável, como já relatei. Com a aparição dos delírios eu perdi o pé na vida e tudo me ficou muito difícil e descontrolável. Passei a colecionar um fracasso após o outro. Perdi parte significativa do meu patrimônio e enfrentei longos períodos de desemprego.

Eu não estava preparado para a situação de fracassos profissionais que enfrentei justamente pela minha instabilidade.

Acho que ninguém está plenamente preparado para fracassos, mas há pessoas que os suportam melhor do que outras.

Eu não consegui suportar os meus. Minha própria doença eu sempre encarei como um espécie de fracasso insuperável em minha vida e apenas agora, ao escrever estas histórias, as coisas que se passaram comigo parecem mais naturais e as aceito um pouco melhor.

E muito difícil aceitar todas as dificuldades que a vida nos traz sem nos colocarmos a questão da culpa. Até a que ponto tudo o que eu vivi de ruim em minha vida foram simples armadilhas do destino e do acaso e até a que ponto eu mesmo fui responsável por tudo o que vivi?

Por certo até hoje não tenho resposta para esta pergunta que me atormenta desde que as coisas começaram a não dar certo, mas houve um momento, de início, que achei que a culpa era toda minha.

Eu me julgava culpado por ser doente. Por ter delírios e depressões. Eu achava que era culpado por viver sofrimentos insuportáveis e achava que infligia sofrimentos inúteis a minha mulher e meus filhos.

Houve unia ocasião em que este sentimento de culpa me dominou por completo e eu me voltei contra mim mesmo, buscando na morte um desafogo para as angústias que me desesperavam.

Isto foi à cerca de oito anos, foi em 1983, ou 1984, não sei direito. Eu fiz terapia com um médico psiquiatra e ele costumava me dar amostras grátis dos remédios que me receitava, porque na ocasião eu passava por um grande aperto financeiro. Um dia ele me deu três caixas de um antidepressivo. Eu fui para casa com os remédios e misturei todos os comprimidos que trouxera com outros remédios para dormir que eu tinha, fiz uma pasta de tudo aquilo, dissolvi com água e bebi.

Minha tentativa de suicídio não foi premeditada, como às vezes acontece. Foi impulsiva e imediata. É claro que por muitas vezes, quando eu estava muito deprimido, já pensara em buscar a morte, mas nunca me preparei para um suicídio. Minha tentativa foi espontânea e não premeditada.

Acho que foi uma tentativa desesperada de encontrar paz.

Assim, entendi o gesto da Sílvia, quando, em desespero, tomou dois vidros de remédio e entendi outros suicidas que ajudei a acudir. Além da Sílvia, já socorri outras duas pessoas que tomaram medicamentos em excesso, mas não quero falar sobre elas.

Quando tomei os remédios levei um tombo, e, ao desmaiar machuquei o rosto na borda da cama, da mesma forma como a Silvia, depois, quebrou o nariz. De novo, quem me socorreu foi a Mônica. Ela chamou o socorro e me levou até ao hospital Iguatemi, onde fui internado tia UTI.

Quando recuperei os sentidos, no quarto do hospital me apresentaram a meu novo médico psiquiatra, com quem me tratei a seguir. Não voltei para casa cm seguida. Ele me internou no IPG, uma clínica em Guarapiranga, onde fiquei um mês. Esta foi minha primeira internação psiquiátrica.

Capítulo 13

DE VOLTA À VIDA

De repente me dou conta de que nestas páginas quase que apenas relato vivências muito sofridas e tristes. E importante que o leitor saiba que não faço isto por gosto ou masoquismo.

Apenas, são estes tipos de experiência que têm sido a constante em minha vida após a adolescência e minhas memórias não seriam significativas se não me referisse a esses assuntos como drogas, suicídio, delírios e depressões.

Não sei o que o leitor possa tirar de proveito lendo estas confissões, mas sei que tudo o que tenho para dar deixo fluir de forma sincera do meu coração para a ponta do lápis. Hoje sinto- me em equilíbrio para começar nova vida e aos quase quarenta anos estou recomeçando mais urna vez minha vida profissional tantas vezes estilhaçada.

Recebi alta de minha licença médica após quase dois anos.

Nestes últimos dois anos tive três crises de delírio e saí das três. Consegui afinal me libertar do alcoolismo e deixei de me embriagar todos os dias.

Deixei de beber utilizando-me de um método antigo e convencional, O médico me receitou um remédio que causa aversão ao álcool. Não que não se tenha vontade de beber, mas quando se bebe passa-se muito mal.*

Tornei este remédio durante quatro meses e depois disto acho que porque já estava amadurecido em meus propósitos de não me embriagar, não tenho bebido em excesso.

Geralmente não bebo quando estou com a minha família por uma questão de respeito e quando estou sozinho normal-

* NA. O Disulfiran Antabuse, Antietanol, etc) e outros determinados remédios que causam aversão ao álcool podem ser perigosíssimos. Nenhum remédio deste tipo deve ser prescrito ao paciente sem seu pleno conhecimento e a certeza de que ele poderá manter a abstinência com esta ajuda. Especiais cuidados devem ser toma dos com pozinhos que se adicionam aos alimentos sem o conhecimento do alcoólatra.

Atualmente após o segundo copo de cerveja já não tenho mais vontade de beber. Nunca mais bebi de manhã ou em jejum.

Após eu deixar a bebida, juntando a sobriedade à lucidez, fui capaz de aceitar o fato de que sou um doente mental e passei a me tratar melhor, encontrando outro nível de estabilidade, embora ainda insatisfatório.

Voltando ao trabalho, não estou retornando para minha empresa, no entanto. Com toda a clareza do mundo e numa conversa de adultos, me foi dito no departamento de pessoal que eu não sou mais desejado por lá. Por uma questão de solidariedade, no entanto, concordaram em me manter o emprego, se eu conseguisse comissionamento para um outro trabalho no Estado.

Consegui um lugar para trabalhar numa autarquia e para lá levo minhas esperanças de reconstrução pessoal e profissional.

Vou com minha consciência limpa. Desde há muito tempo nunca aceito trabalhos ou emprego em que eu possa me tornar insubstituível ou que pela minha falta se criem confusões maiores ou perigo para alguém. Tenho sido, desde então, um simples funcionário burocrático a rodar as engrenagens do Estado.

Não me sinto mais culpado por minha doença e nem me sinto desprestigiado por minhas funções meramente burocráticas.

Ao contrário, considero que tenho o privilégio de manter um emprego decente quando, se não fosse pela boa vontade da estatal onde estou contratado, eu estaria condenado à mísera aposentadoria por invalidez que este país concede aos seus doentes.

Agradeço a paciência do leitor que me acompanha, como agradeceria uma visita se estivesse internado. Com entusiasmo e alegria. Espero seguir em frente sem outras crises fortes de delírio ou depressão e ao mesmo tempo sei que estou preparado para o que der e vier.

Estou tão preparado quanto qualquer pessoa pode estar diante de uma doença incurável.

Capítulo 14

POR QUE COMIGO?

Tenho hoje 38 anos; para os mais religiosos sou mais velho: quase 39. Sofro de uma doença incurável. Minha cabeça nunca fez biiiin, mas ela constantemente faz poing. Não posso contar com ela.

Todos os sonhos de minha adolescência se esvaíram e hoje não ouso sonhar de novo: tenho medo de machucar-me ainda mais, com o vento desfazendo meus castelos. Vivo para o dia a dia. Não sei se na próxima semana meu precário equilíbrio se manterá ou se estarei de novo prostrado em casa, em profunda depressão, ou talvez amarrado a um leito psiquiátrico, gritando para me soltarem.

Por que comigo? Eu sei que a vida é assim, pode acontecer com qualquer um, mas... por que comigo?

Esta pergunta me angustiou durante anos e ainda hoje, quando estou muito deprimido, ela tenta se insinuar. É urna pergunta inútil. Em algum momento, antes do meu nascimento, uma composição genética aleatória determinou a possibilidade desse destino. Em minha juventude, talvez pelo uso abusivo de maconha, um mal de minha geração, a psicose aflorou e o destino se concretizou.

Ninguém de minha família, por parte de mãe e de pai, apresentou essa doença antes. No entanto, comigo aconteceu.

Este é o meu karma. Tenho de aceitar os fatos. É inútil tentar compreender a aleatoriedade do destino, embora seja natural que durante mima fase da vida essas questões nos angustiem.

Hoje tento encontrar conforto fazendo as pazes com meu destino, sem, entretanto, desistir de lutar tentar construir aos poucos uma vida melhor.

Aos 24 anos tive a primeira grande crise. Desde então, fiz as contas outro dia, já me tratei com dez terapeutas diferentes:

Dois psicólogos e oito médicos, fora os que me trataram durante as internações. Já tentei muitos tratamentos, mas nada deu muito certo.

Mas vou continuar tentando, nos limites de meus recursos. Vou fazer novos exames, experimentar novos remédios. Minha doença é incurável, mas isto não quer dizer que eu deva deixar de buscar a cura. Talvez, pelo menos, eu consiga diminuir um pouco a frequência das oscilações: já seria uma grande coisa. Dizem que por volta dos quarenta anos ocorre urna melhora, em função de modificações neurológicas. Vamos ver. Existe a possibilidade, é claro, de tudo ficar como está.

Então, às vezes me pergunto: será que trocaria o meu destino com o de outra pessoa qualquer? Será que o meu karma é de fato tão insuportável?

Afora os devaneios inconsequentes que às vezes faço sobre essas questões, quando invejo o destino de outros, o fato é que não tenho a mínima certeza se eu seria mais feliz na pele de outra pessoa.

Eu quero ser diferente do que sou, mas a única diferença que tem valor, aliás a única possível, é a que eu consiga realizar na esfera do meu próprio karma, aceitando minhas limitações sem deixar de tentar expandir meus horizontes.

Hoje não posso sonhar, mas tenho urna porção de sonhos guardados atrás da porta. Talvez algum dia eu possa desarquivá-los e lutar por eles, tentar vivê-los.

Não devo me cobrar demais. Não posso exigir de mim o desempenho de uma pessoa que não tenha minhas limitações. Quando a vida exigiu de mim um desempenho extraordinário, quando na minha juventude quis realizar coisas grandiosas, em balado pela autoimagem de sucesso com que saí da adolescência... foi quando tudo começou.

Não posso me colocar em situações de stress. Todas as vezes que em minha vida profissional e pessoal fui submetido a stress, acabei por entrar em delírio ou depressão. No entanto, eu tenho a propensão de me propor situações estressantes, preciso me policiar.

Em 1977, quando deixei de ser uma "pessoa brilhante", com um futuro promissor, e aos poucos fui me afundando na doença mental, quando eu estava morando em São Roque e cansando da vida, um de meus amigos me disse:

— Luciano, é bom que você dê mesmo essa parada. Não há nenhuma necessidade de você levar a vida desabalada que você leva. Como você faz força na vida, rapaz! Você foi um dos melhores alunos de sua classe, sempre. Foi campeão e recordista esportivo. Líder estudantil. Começou a vida profissional feito uma locomotiva, trabalhando feito um cavalo. Acho que está mesmo na hora de você parar e pensar. Por que você faz tudo isso? Onde você quer chegar? Só depois que souber a resposta é que você poderá saber se vale a pena continuar desse jeito.

Demorei muitos anos para saber qual a razão de me propor sempre coisas grandiosas. Hoje que não mais me proponho coisas desse tipo, porque não tenho mais coragem nem condições, eu sei a resposta.

Por trás de toda a energia esfuziante de minha juventude havia um tremendo buraco afetivo que é característico da doença. Eu seria capaz de tudo para me destacar entre os outros, para ser reconhecido, para ser amado. Inconscientemente, havia um medo de que, se eu não me destacasse, se eu não fosse o primeiro, eu não seria digno de amor. Meus fracassos me envergonham muito. Ainda hoje sinto-me extremamente solitário em função deles, embora como sempre eu seja objeto de grande carinho e atenção de minha família.

Estes são aspectos psicológicos da patologia psiquiátrica. Aliás, como diz um de meus diagnósticos imprecisos, talvez o que eu tenha seja uma "esquizopatia afetiva..."

O quadro psicótico, é claro, envolve complicada problemática psicológica. Daí vem uma questão que não é muito simples: o tratamento deve ser conduzido por Psiquiatra ou por psicólogo? Ou melhor: qual é o principal aspecto do tratamento, o medicamentoso ou o psicológico?

Sinto-me um pouco perdido diante da pergunta, pois, da mesma forma que hoje o uso de remédios é imprescindível, houve ocasiões em que experimentei grandes melhoras com a terapia psicológica, lidando com interpretações simbólicas do inconsciente.

Sei que existem casos tão bem sucedidos de terapia psicológica, que o uso de remédios diminui muito, podendo até chegar a ser eliminado. Não acredito, no entanto, que isto hoje fosse possível no meu caso.

Na verdade, a melhor indicação talvez seja a justaposição dos dois tratamentos. Para isto é preciso que médico e terapeuta se entendam muito bem e estejam em contato, de forma a não atrapalhar o paciente com encaminhamentos conflitantes. Não gosto de

fazer terapia com a mesma pessoa que medica: acho que o ritual da terapia se dissipa com os procedimentos formais da prescrição de remédios.

Hoje, se eu tivesse dinheiro, eu gostaria de procurar uma boa terapia psicológica. Ela proporciona um certo alívio na alma, um crescimento espiritual que o tratamento psiquiátrico não contempla. No entanto, por enquanto pelo menos, o tratamento medicamentoso está sendo mais urgente.

Quando as vezes ainda me ocorre a irresolúvel pergunta "Por que comigo?" e percebo que de repente estou sentindo pena de mim, tento afastar meus pensamentos olhando o vasto mundo ao meu redor. Há destinos piores do que o meu, eu sei. Tenho plena consciência disso.

Capítulo 15

APESAR DE TUDO

Apesar de tudo, como é bom viver!

Como é bom conviver com meus pais e sentir o amor e o cuidado que têm por mim. E os cuidados de meus irmãos? Como é bom ter irmãos. E irmã. Como gosto de estar com os poucos amigos que me restaram.

Como é bom estar em meu antigo apartamento quando nas idas e vindas para pegar meus filhos às vezes a Mônica me convida para entrar e tomar um café. Conversamos sobre nós e sobre nossos filhos. Considero-a minha família, juntamente com as crianças. E como se apenas a vida conjugal tivesse terminado; em meu coração ainda somos uma família unida, solidária. E a saudade, afinal, descontada a melancolia, é uma coisa boa. Apenas tem saudade quem teve coisas boas na vida. Reconheço humildemente o direito de Mônica não querer viver mais com um doente mental carente de tantos cuidados e capaz de tanta ingratidão em seus delírios. Hoje, pesando bem todas as coisas, embora a separação ainda me faça sofrer, acho que ela foi importante para preservar a sanidade da Mônica e também para resguardar meus filhos de uma convivência muito íntima com minhas crises, o que poderia lhes ser nocivo.

Como é bonito ver os filhos crescerem!

E meus filhos, ali! Como os amo profundamente. Às vezes eles me dão conselhos e, eu comigo mesmo, acho graça disto. Como são apropriados os seus conselhos, no entanto; como me fazem bem. Seu amor me dá gigantes forças; as maiores de que disponho para enfrentar a moira, o meu karma.

Depois, como é bom ver os campos em flor, a mata cheirosa, o mar tão soberbo.

Como é bom comer um peixe ensopado com meus amigos caiçaras, nas casas deles em Barra do Unai; ou no Montão de Trigo, sentado em banquinhos, fazendo um círculo de mandala perfeito enquanto a mamãe caiçara nos serve, acocorada à beira do fogão.

Além de tudo, como é bom poder comer, no sítio, meu torresmo de papada com farinha de mandioca, bebendo uma boa pjnga,* sem precisar me embebedar e me drogar para saber que a vida é boa e por isso merece ser vivida com dedicação e respeito.

Como é boa a esperança de que talvez um dia eu ainda possa viajar minha imaginação pelos sonhos do universo aberto, prontos a serem conquistados com a força de minha paixão e a sabedoria de meus erros.

* N.A. "Dou a mão à palmatória e acho hoje que o prazer maior a ser conquistado por quem já teve problemas de alcoolismo é a abstinência completa. É quase impossível administrar este 'beber social' de um alcoólatra. De resto, minha esperança é a mesma e meu gosto pelo torresmo e pelos lambaris fritos com sucos e refrigerantes é igual. Nenhuma comida e nenhuma situação exige bebida alcoólica ou droga para torná-la melhor do que já é. E nada é melhor do que uma vida de sobriedade, lucidez e serenidade."